

GÊNERO, TRABALHO INTELECTUAL E SUCESSO NOS RELATOS AUTOBIOGRÁFICOS DE HARRIET MARTINEAU¹

GENDER, INTELLECTUAL WORK, AND SUCCESS IN THE AUTOBIOGRAPHICAL ACCOUNTS OF HARRIET MARTINEAU

Fernanda Henrique Cupertino Alcântara*

Introdução

Nos estudos acerca da trajetória e das teorias produzidas ou assumidas por intelectuais, geralmente é aceita a assertiva segundo a qual, de modo implícito ou explícito, vida e obra estão conectadas. Isso não parece ser apenas uma coincidência, tendo em vista que a vida sobre a qual temos notícia, via de regra, diz respeito a registros ou a relatos (auto)biográficos, os quais também são socialmente condicionados. Nesse sentido, acreditando que existe uma relação verificável nessas situações, proponho uma análise da vida de Harriet Martineau

(1802-1876) no período da sua entrada na fase adulta, considerando as contingências que caracterizaram esta. De igual modo, demonstro como a narrativa de si se associa à noção de desenvolvimento intelectual e até mesmo de progresso, como um projeto, um modelo que pode exemplificar processos de racionalização do empreender de si e de análise da própria trajetória.

Além disso, proponho não apenas um espelhamento entre autobiografia e obra (representando um discurso escrito sobre a vida), mas a utilização de dois métodos de análise, de escrita e de explicação (há quem prefira chamar de “narrativa”) utili-

1 Este artigo é parte da tese *A sociologia de Harriet Martineau e a tradução de sua obra para a língua portuguesa no Brasil*, requisito para a promoção a Docente Titular, defendida na UFJF-GV, em 2024. O fragmento aqui apresentado foi revisto e ampliado. Agradeço às(aos) pareceristas pela leitura atenta, pelos comentários e pelas contribuições substantivas ao texto. Também agradeço ao CNPq pelo apoio por meio da Bolsa de Produtividade em Pesquisa (PQ), além deste e da FAPEMIG no apoio a projetos de pesquisa que coordeno e versam sobre o tema.

* Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Valadares, MG, Brasil. E-mail: fernanda.alcantara@ufjf.br. ORCID <https://orcid.org/0000-0001-8396-147X>.

zados pela própria Martineau: o *contraste* e a *ilustração por imagens*. Muitas informações importantes são manejadas pela autora para dar essa dimensão acerca de como sua trajetória se desenvolveu. Em consequência, podemos nos colocar algumas questões a respeito de como tal discurso sobre a própria trajetória é ou não é lastreável por elementos passíveis de verificação. Tais dados podem ser interpretados por *estudos de gênero* ou por uma *sociologia das(os) intelectuais*, mas este não é o caso aqui. O problema aqui posto é: Em que medida os relatos autobiográficos de Martineau retratam tanto o trabalho intelectual sob um recorte de gênero, quanto os métodos do *contraste* e da *ilustração* desenvolvidos por ela em sua vasta obra?

Concomitantemente, não é o intuito deste artigo apresentar Harriet Martineau a partir de rótulos pré-concebidos ou apenas reproduzir a percepção de comentadoras(es). Já existem textos publicados e de acesso livre em língua portuguesa, cujo objetivo é apresentar Martineau para o público que ainda não teve a oportunidade de ler as suas obras ou de ter contato com esta autora clássica ao longo da sua formação acadêmica². Tal fato dispensa que parte significativa deste artigo seja sacrificada para cumprir esse propósito. Todavia, as referências a algumas de tais fontes com as quais identifiquei diálogo direto são indicadas ao longo do texto e privilegiam *papers* que decorrem de pesquisas científicas.

Acerca dos métodos utilizados, o artigo é produto de parte de uma base de dados consolidada por meio de *pesquisa bibliográfica*

e *documental*³, que objetivou o mapeamento e a descrição das obras *de* e *sobre* Martineau, abarcando os séculos XIX a XXI e configurando a chamada recepção. O recorte aqui adotado consiste na análise do mapeamento e da descrição obtidos quanto à bibliografia e ao acervo documental de livros raros e pouco conhecidos dessa autora, num período específico de sua vida. Contraposto os resultados auferidos aos métodos do *contraste* e da *ilustração* desenvolvidos por ela própria, reafirmando a metodologia que desenvolveu e aplicando-a ao estudo de sua obra. Ao longo do texto, os dados também são apresentados considerando-se a perspectiva dos *estudos de trajetória de vida*.

1. Relatos autobiográficos em face a gênero e ao trabalho intelectual como objeto de análise e método

Não parece fácil definir o que é ou não é mais importante quando olhamos para a *trajetória de vida* de uma intelectual, mas podemos tomar por referência uma autobiografia ou biografias disponíveis para estabelecer qual tema seria mais representativo, de acordo com o que se tem disponível ou registrado. Isso não ocorre por acaso já que “[...] autobiografia e *journal* progredem de maneira diretamente proporcional ao triunfo do individualismo ocidental” (Caligaris, 1998, p. 47), e é nessa esteira que pensamos os relatos *de* e *sobre* Martineau (Alcântara, 2025b). Primeiro, como um produto social, contingencial, reflexo de um período histórico específico e (recorrendo à teoria *martineauiana*) que materializa e

2 Existem também iniciativas que privilegiam a apresentação por meio de recursos audiovisuais em *lives* (com apoio da SBS e da ANPOCS), ou vídeos curtos de acesso livre por meio de plataformas como o YouTube.

3 Essa pesquisa foi realizada de 2020 a 2024 e segue sendo atualizada pelo Laboratório Harriet Martineau, da UFJF-GV, por meio de projetos de pesquisa e de extensão.

reflete as suas *morais prevalecentes* (Martineau, 2021). Segundo, porque informa versões da(o) intelectual estudada(o), indica fatos, redes de interdependência e circunstâncias que podem ser submetidos à averiguação factual, ou informarem narrativas conhecidas sobre essas trajetórias investigadas (Guérios, 2011). Em decorrência, mesmo considerando a (auto)biografia como uma ilusão (Bourdieu, 2006), não podemos ignorar que essa é uma característica significativa da modernidade, pois: “A vida do sujeito moderno já é um ato narrativo, uma autobiografia performativa.” (Calligaris, 1998, p. 50), já que o indivíduo passou a ser o editor da própria trajetória. Somase a isso o fato de que é possível realizar uma “operação analítica de reconstrução da trajetória social” para “controlar os riscos da ‘ilusão biográfica’” (Rosatti; Bordignon, 2022, p. 13), superando assim esse impasse.

Mais recentemente, no último quarto do século XX, as biografias começam a ser estudadas nas ciências humanas e sociais. Porém, se as trajetórias dos indivíduos são objetos de análise das Ciências Sociais, não afastam o fato de que muitas controvérsias se instalaram em torno do tema (Guérios, 2011; Houle, 2014; Rosatti; Bordignon, 2022). Ou, ainda, os questionamentos acerca de qual o estatuto das biografias nas Ciências Sociais (Velho, 2006; Houle, 2014; Reis; Barreira, 2018), quais as possibilidades de objetivação das *histórias de vida*, quais propostas analíticas estariam disponíveis para tanto, e até mesmo qual o seu grau de cientificidade (Guérios, 2011; Houle, 2014).

Tomando de empréstimo um exemplo recente, ao reescrever a biografia de Marcel Mauss, Fournier (2003) explica que esse não foi um trabalho fácil, ressaltando o fato de que existe o risco constante de promover um “reducionismo sociológico”, ainda que o re-

trato biográfico seja sempre o resultado de escolhas e que o produto final nunca consiga ser exaustivo ou completo. Todavia, esse autor reconhece que a biografia é importante para as Ciências Sociais, na medida em que a história é geralmente contada ao menos de duas formas: a história das ideias e das obras; e/ou dos grupos e das instituições. Por outro lado, o autor lembra que não existe um consenso a respeito e a biografia que interessa ao nosso campo não é a história de um indivíduo, mas uma “biografia coletiva”, capaz de caracterizar um “típico intelectual de sua época” e uma “contextualização da obra”. Inobstante: “Toda biografia integra, implicitamente, uma teoria da ação: o personagem central da história é um ser tanto racional como irracional, guiado por seus interesses e por suas paixões.” (Fournier, 2003, p. 6-7).

Outro exemplo é a pesquisa de Guérios (2011) na qual o autor mostra que as trajetórias podem ser estudadas a partir de diferentes perspectivas teóricas e metodológicas, fazendo uma demonstração com estudos sobre o músico Heitor Villa-Lobos e confrontando-os com a perspectiva da “variação de escalas”. Guérios (2011, p. 20) considera que tais estudos foram limitados “[...] devido ao fato de operarem com a totalização do ambiente social em que se desenvolvem as interações humanas e de estabelecerem conexões abstratas entre o sujeito observado e o meio social em que ele vive”. Como solução, o autor propõe fugir das análises abstratas e recorrer a fontes primárias para compreender o funcionamento das *configurações sociais* e das *redes de interdependência*.

Já no estudo realizado por Grill (2015), ocorre a análise de duas (de muitas e extensas) fontes (auto)biográficas, capazes de contemplar o que denominou de amálgamas e de tensões, considerando bases sociais e

suportes institucionais sobre o político e escritor Afonso Arinos. O autor desenvolve a noção de “multinotabilidades”, que ajuda a explicar os múltiplos papéis assumidos pelo agente estudado, preocupando-se em discurrir sobre como o biografado conseguiu produzir a gestão da própria imagem. Isso remete diretamente à produção autobiográfica, ainda que exista uma vasta publicação de memórias, associada ao fato de que vários outros registros foram produzidos sobre a sua trajetória, a partir do empenho de seus amigos e familiares, entre outros.

No caso específico do objeto aqui em pauta, a referência à cultivação e à transformação intelectual como um processo é menos uma característica isolada e autônoma do que um *ethos* que se materializa na narrativa autobiográfica:

It is in this reference to human development – one might say, human *intellectual* development – that Martineau’s autobiography fuses as a critique both of the genre of female life writing and the ways in which education and learning are conceived within her Victorian society. (Scholl, 2018, p. 18).

Por essa razão, o conceito de *trajetória de vida* orientou o trabalho aqui apresentado, conjugando o estudo das (auto)biografias com a perspectiva macro, mostrando as posições de Martineau em *redes de interdependência* e em *configurações sociais* que contribuíram diretamente para as suas escolhas, performance e pelos resultados alcançados (Elias, 2008). Desse modo, a (auto)biografia não é colocada como um objeto de estudo que se sustenta por si só, nem como um elemento pitoresco ou de pura apresentação da personagem estudada. É preciso contrastá-la com outras fontes, sem dispensar a objetivação dos dados e a sua verificação.

Como demonstra Heilbron (2022), não se trata de compreender como os indivíduos agem isoladamente, mas quais relações conectam indivíduos e instituições num determinado contexto histórico. Considerando essa perspectiva, é que o autor associou o nascimento da Sociologia à figura de Auguste Comte, que teria usufruído das condições necessárias para tanto, o que contrasta com o entendimento de que as escolhas e a dita recepção são discricionárias e limitadas (Alcântara, 2024b). Não se trata, portanto, de “uma espécie de biografia dos santos da Sociologia” (Pinheiro, 2023), como geralmente clássicos e cânones são apresentados na formação em Ciências Sociais. Embora não seja o objetivo aqui, não podemos ignorar que o *modus operandi* do ensino da introdução e da história da Sociologia passem por esse percurso. Por isso mesmo, se é importante para compreender clássicos e cânones, também o é para as clássicas (Alcântara, 2026a, 2026b). Cito como exemplo o caso da biografia de Max Weber (escrita por sua esposa e pesquisadora Marianne Weber), além de tantas outras escritas sobre Karl Marx. Ou, ainda, o caso das autobiografias de Rousseau, Herbert Spencer e de John Stuart Mill.

A biografia interessa por retratar o que é singular, mas ela também contribui para a compreensão do contexto histórico e social que interfere nas trajetórias individuais (Rossatti; Bordignon, 2022), contrastando o micro e o macro em escalas, contribuindo para superar o “nó epistemológico das Ciências Sociais”, “a dualidade indivíduo-sociedade” (Guérios, 2011, p. 13). Em decorrência, se por um lado Martineau fez uso de meios objetivos em um sentido único, manifestações “semelhantes” podem ser observadas entre suas contemporâneas – com mulheres autôditas, leitoras, professoras, tutoras e até

escritoras. Se as mudanças não são capazes de explicar as trajetórias particulares, ao menos indicam as condições de seu desenvolvimento. Já a sua narrativa nos ajuda a compreender tanto fenômenos em *pequena escala* quanto em *grande escala*, pois entrelaça as duas coisas, mostrando como eram condições que limitavam ou que oportunizavam suas ações. Por exemplo, a crise financeira na Inglaterra, a falência da família e a morte do pai da autora; a cólera, o debate sobre a *Lei dos Pobres* e a coleção *Illustrations*; a escravidão, a luta pela abolição e as ameaças de linchamento e de morte que ela própria sofreu em solo norte-americano; a surdez, o isolamento social e os estudos autodidatas; os capitais social, cultural e político, de um lado, e o sucesso na comunidade literária, de outro. Além da autobiografia, na qual claramente Martineau fez esse exercício ou movimento, podemos observar tal esforço também em todas as suas outras obras, quando atentamos para suas descrições densas e o relato da sua condição enquanto pesquisadora (Martineau, 2022).

Assim, é importante trazer à baila a análise realizada por teóricas do século XIX acerca dos temas aqui apontados. Não se trata de recorrer a uma bibliografia descontextualizada ou “antiga”, mas de promover o diálogo entre pares e situar a discussão tanto quanto fazemos com clássicos e canonizados. Nesse sentido, os textos de Charlotte Perkins Gilman, Flora Tristan e de Jane Addams são muito bem-vindos. De igual modo, poderíamos recorrer aos textos

de Beatrice Potter Webb, Marianne Weber, Anna Júlia Cooper e Pandita Ramabai⁴. Particularmente, no que tange à *Autobiografia* de Martineau, para Scholl (2018, p. 17):

Harriet Martineau's *Autobiography* (1877) has been celebrated as radically transforming the autobiographical genre, most particularly in regard to the nineteenth-century female autobiography. The self-shaping that autobiographical writing involves, alongside the agency of the author to narrate their own tale, provides a powerful space for articulating individual and social identity. Most critics have read the *Autobiography* as a continuation of Martineau's conviction that it was her duty to teach the nation, as well as further evidence of her desire to maintain control over her public persona.

A forma escolhida por Martineau não configurava o que até então era considerado uma autobiografia “feminina”, mesmo que ela indicasse um fenômeno social e cultural representativo de um certo espírito de época. A inovação teria causado a repulsa de algumas escritoras que eram suas contemporâneas. Foi o caso de George Eliot⁵, que classificou o livro como “autoexposição” (Sanders, 1989). Entretanto, não existe um consenso a respeito, embora pareça recorrente uma forte discussão sobre o fato de a autobiografia conter ou não qualidades “femininas” e/ou “masculinas” (Alcântara, 2024a). Nesse contexto, há quem defenda que a autobiografia de Martineau tem uma natureza híbrida, alternando a forma. Como

4 Recomendo a leitura dos livros da *Coleção Além do Cânone*, da editora FGV, idealizada e produzida por Celso Castro. Até o momento, foram publicados, além do livro principal, contendo fragmentos de textos de várias(os) autoras(es), e livros completos (com versões em *e-book* de acesso gratuito) contendo obras de Jane Addams, Pandita Ramabai e Beatrice Potter Webb. Também recomendo o livro *Más allá del canon*, da Editora Centra, na Espanha, idealizado e coordenado por Maria-Rocío Navarro-Fosar e que também pode ser acessado gratuitamente como *e-book*.

5 Pseudônimo de Mary Ann Evans (1819-1880), cuja vida era considerada livre e altamente revolucionária para os padrões da época.

exemplo, Scholl (2018, p. 20) afirma existir um padrão diferente entre autobiografias de mulheres e de homens, quanto a um perfil característico, ao mesmo tempo em que ressalta a “fábrica da escrita de vida de Martineau” associada à necessidade de “criar uma estabilidade narrativa”.

Irônica e propositalmente, Martineau preocupou-se em produzir um *discurso* sobre a sua trajetória, mesmo defendendo que o observador deveria se atentar às *coisas*, usando os *discursos* apenas como ilustrativos (Martineau, 2021; Alcântara, 2025b). A autobiografia é um discurso sobre si mesma (não da vida em si), na condição de personagem que é tanto sujeito quanto objeto de análise. Some-se a isso o fato de que o conhecimento sobre a forma e alguns resultados possíveis permitem modular ou instruir a intencionalidade da representação que se quer deixar. A título de exemplo, Martineau não apenas citou a autobiografia da senhora Kely, de 1852 (mesmo momento no qual estava escrevendo a sua), como também se manifestou sobre como entendia que uma autobiografia deveria ser escrita, estabelecendo parâmetros e refletindo sobre esta como objeto (Scholl, 2018, p. 21).

Para além dessa concepção, interessa aqui delimitar como é possível recorrer à própria teoria *martineauiana* para compreender os seus relatos, indicando os conceitos, os métodos e os significados adotados. O *contraste* é a forma utilizada por Martineau para destacar elementos distintos sem incorrer em comparações ou julgamentos de valor (Martineau, 1829, 2021, 2022, 2024, 2026a, 2026b). Sobre a *ilustração*, é preciso ressaltar que foi um recurso utiliza-

do pela autora, desde o início da sua carreira, com destaque para a coleção *Illustrations*, que, provavelmente, é a mais popular de toda a sua obra⁶. Trata de não apenas explicar algo, mas oferecer cenários para que as(os) leitoras(es) possam se identificar e ter *empatia* com relação ao que foi relatado (Martineau, 2021, 2022, 2024, 2026a, 2026b), sendo transportados para as cenas que ela, deliberada e intencionalmente, narra. Essa perspectiva pode ser observada na passagem a seguir:

A posição ou prospectos de homens em um novo país pode melhor ser feita inteligível por relatos dos quais o viajante disse e ouviu enquanto entre eles. Imagens servem ao propósito melhor do que relatórios. Darei, portanto, imagens de algumas das muitas variedades de moradores que vi, no meio de suas diferentes localidades, circunstâncias e modos de viver. Nenhum deles tem consciência de quão vívida é uma ideia que ele imprime sobre a mente da humanidade; nem quão distinto um lugar que ele preenche em suas lembranças. Nenhum deles, provavelmente, está consciente de quão mais feliz ele é do que Alexandre, em ter perante a si mais mundos a conquistar. (Martineau, 2024, p. 34, *grifos meus*)

De igual modo, é preciso destacar que existe total compatibilidade neste sentido entre o método *martineauiano* da *ilustração* e o gênero *biográfico*, que é explicado na citação a seguir. Como podemos verificar, é viável e interessante aplicar seu método à sua própria autobiografia.

Visto, em um primeiro momento, como antídoto contra o sobrevoos quantitativo, as

6 Sobre os primeiros textos de Harriet Martineau, ver Alcântara (2024a) com um mapeamento inicial destes e com fontes de referência. Esses textos são publicizados pelo Laboratório Harriet Martineau, da UFJF-GV, na forma de divulgação científica.

grandes tabelas estatísticas e os quadros de mobilidade, considerados frios e desencarnados, o recurso ao indivíduo, ao caso singular, acessado a partir das práticas, ofereceu uma forma de restituir experiências sensíveis, dando carne às ossaturas institucionais ou aos termos abrangentes como “elite”, “classe”, “massa” e “povo”. Essa escala próxima aos agentes trouxe um modo de recolocar o problema dos desvios às regularidades, das possibilidades do acaso nas ações e do papel do sujeito na realização de sua própria história, temas que aparecem nas disputas das ciências sociais a partir da oposição entre agência e estrutura. (Rosatti; Bordignon, 2022, p. 9)

Os métodos do *contraste* e da *ilustração* são amplamente utilizados nas obras de Martineau e remontam, até onde pude averiguar, aos *Essays on the art of thinking* (1829), com menções diretas aos termos. Contudo, quem não tem costume com os textos de Martineau pode, equivocadamente, reduzir esses métodos à mera descrição. E não é disso que se trata. Joaquín (2024) lembra que a escrita de Martineau se estrutura de modo a produzir uma “narrativa” sobre o que observa. Todavia, eu prefiro utilizar o termo adotado pela ela própria, nos diversos momentos em que abordou o tema. Foi assim que, para expressar princípios da Economia Política, Martineau criou séries de novelas que a tornaram muito famosa em todo o mundo e constituíram o exemplo mais claro da aplicação prática da noção de *ilustração*, embora não tenha se restringido a essas. Por outro lado, o método do *contraste* não parece ter uma obra única de referência, pois está presente em todo o seu percurso literário como método de explicação e de escrita. Usar tais métodos *martineauianos* para compreender os relatos da

própria Martineau consiste em uma abordagem inovadora, que busca contribuir para a reflexão sobre a vida e a obra desta teórica que participou do processo de fundação da Sociologia (Alcântara, 2024a; 2024b) e de outras disciplinas (Sanders; Weiner, 2018).

Como o recorte deste artigo abarca um período específico da vida de Martineau (a fase adulta e o início do sucesso), não cabe aqui uma apresentação geral que, inclusive, já se encontra disponível em outros *papers* (Alcântara, 2021, 2022, 2024a, 2024b, 2025a, 2025b, Arbuckle, s/d; Joaquín, 2024). Contudo, é importante responder qual sua *posição* na *configuração social* do meio literário, acadêmico, religioso e político. Salta aos olhos a condição de gênero, de filha de um industrial de classe média, cuja fábrica faliu. Seus pais lhe propiciaram *capital cultural, social e político*, além do *habitus* primário dos quais ela usufruiu e utilizou amplamente em suas *estratégias* de inserção e de mudança no campo literário (Bourdieu, 2020b). Ao longo da vida, Martineau participou de várias redes que foram se ampliando e se diversificando a partir do sucesso, o que lhe rendeu um trânsito fluido e acesso a informantes que lhe propiciaram uma visão multifacetada da realidade social.

2. Vida afetiva, primeiros escritos e família

Considerando todas essas questões, optei por começar pelo assunto que raras vezes aparece nos relatos de Martineau. Contrariando os estigmas de gênero, o assunto menos recorrente em sua obra é a sua vida afetiva, ao contrário das relações de amizade, que eram mencionadas com muita frequência e compunham grande parte da rotina descrita por ela. Sobre relacionamentos amorosos, ela relatou apenas duas situações de admiração e de amor platônico em sua

adolescência. Todavia, sua biógrafa Miller (1887) denominou de “amor recíproco” o relacionamento entre Harriet Martineau e John Hugh Worthington, reclamando que na autobiografia a referência foi “breve e superficial”. Harriet e John se conheceram quando ela tinha aproximadamente 20 e ele 18 anos. O relato acerca do encontro pode ser ilustrado com a citação a seguir.

A dream had passed before me since the visit of a student friend of my brother James's, which some words of my father's and mother's had strengthened into hope and trust. This hope was destined to be crushed for a time in two hearts by the evil offices of one who had much to answer for in what he did. This winter was part of the time of suspense. Under my somewhat heavy troubles my health had some time before begun to give way; and now I was suffering from digestive derangement which was not cured for four years after; and then only after severe and daily pain from chronic inflammation of the stomach. Still, with an ailing body, an anxious and often aching heart, and a mind which dreaded looking into the future, I regarded this winter of 1823-4 as a happy one; – the secret of which I believe to have been that I felt myself beloved at home, and enjoyed the keen relish of duties growing out of domestic love. (Martineau, 1877a, p. 96)

Se aplicarmos o método *martineauiano* do *contraste*, observaremos que, na versão de Miller (1887), Harriet teria tentado escrever pela primeira vez em 1822, após a visita de John à casa da família Martineau. Em sua interpretação, tal atitude decorria da tentativa de suportar o retorno de John e de James, seu irmão mais novo, para a escola. Essa versão claramente aparenta uma visão romantizada ou “cavalheiresca” (Martineau, 2021, 2022, 2024), principalmente consi-

derando-se que Martineau pouco ou nada contou a respeito. Esse tipo de inferência contamina o valor atribuído à sua competência e seu voluntarismo, associando seu interesse pelo trabalho intelectual como consequência de um sofrimento amoroso. Com isso, nega o prazer e a propensão ao estudo e à escrita como objetivo e realização pessoal. Em consequência, retira a autora do protagonismo que ela assumiu em todo esse processo, lembrando um debate muito caro a Martineau: os objetivos de vida que são estabelecidos para as mulheres, relegando a elas apenas casamento e filhos (Martineau, 2021, 2026a). Além disso, os dados mostram o contrário: a primeira publicação de Martineau ocorreu em outubro de 1822. Já a primeira menção sobre John Worthington, em Carta de Martineau a James, data do primeiro semestre de 1823, em correspondências de março, abril e junho. O teor da conversa é que James estava autorizado a trazer o colega de faculdade. Assim, o depois “querido Worthington” esteve na casa da família na Magdalen Street apenas em agosto do ano seguinte à publicação dela no *The Monthly Repository* (TMR) – lá John permaneceu por duas semanas (Arbuckle, s/d, Capítulo 2). Em agosto de 1826, veio a notícia de que ela teria aceitado a proposta de casamento (Arbuckle, s/d, Capítulo 3), portanto, três anos após o primeiro encontro.

O relato biográfico de Miller (1887) é bem diferente do relato autobiográfico de Martineau. Harriet afirmou já ter a pretensão de se tornar uma escritora no período no qual se dedicou à tradução de clássicos e a estudos religiosos – logo após seu retorno do internato para casa, no início de sua vida adulta. No entanto, essa vontade, que havia passado um bom tempo adormecida em suas intenções, reaparece com a ausência de

seu irmão James, com quem mantinha uma relação próxima. Enquanto ele seguiu para estudar na faculdade, Martineau voltou para a casa após uma curta temporada fora, e James aconselhou-a a se dedicar a atividades novas para se distrair: uma delas, a escrita. De igual modo, ele a teria aconselhado a enviar para o TMR tudo o que produzisse (Martineau, 1877a, p. 90). Um tratamento bastante diferente é, portanto, direcionado a cada membro da família, bem como expectativas e oportunidades, enquanto durante a infância supostamente as condições de estudo e de aprendizado tivessem sido semelhantes (Alcântara, 2025b).

Desse esforço resultou seu primeiro artigo: “Female writers on practical divinity”. Porém, a autoria muitas vezes era camuflada ou mesmo escondida. Nesse mesmo artigo, Martineau assinou como “Discipulus”, insinuando ser um autor masculino, assim como fizeram várias autoras do seu período (Miller, 1887). Ocorre que, na autobiografia a autora afirmou ter assinado “V” (Martineau, 1877a, p. 91), como de fato o fez em vários outros textos da juventude (Alcântara, 2024a). Menciono essa contradição apenas para demonstrar que é passível de verificação e de ser contraposta a documentos disponíveis, tendo em vista os textos originais que foram digitalizados e cujas cópias acessamos na atualidade. Porém, o mesmo não pode ser dito com relação a sentimentos, sensações, memórias ou percepções de como a vida se processou. Esse é um bom exemplo sobre como relatos autobiográficos não podem ser adotados como o acesso à verdade, já que a “sinceridade do autor” é diferente da “veracidade dos fatos” (Calligaris, 1998, p. 47).

Na sequência, no mesmo TMR, a autora publicou “On female education” (1823), e o *Devotional exercises* (1823) pela Row-

land Hunter, além de outros artigos, poemas e contos sobre temas diversos. Destaco aqui: os contos *Christmas Day* (1824) e *The Friends* (1825), pela Houlston; os poemas “On the death of lieutenant Hood” (1824) e “Lines occasioned by the controversy on the origin of Evil” (1824), pelo TMR; e o artigo “Defence of metaphysical studies” (1824). Pouco tempo depois, publicou *Addresses, With Prayers and Original Hymns, for the Use of Families and Schools* (1826). Trata-se de uma fase em que o livre pensamento e a autonomia moral não estavam ainda presentes. Esses textos, em parte mostram esse conflito e a tentativa de conciliação entre a perspectiva científica e a religiosa (Alcântara, 2024a). Na autobiografia, embora Martineau mencione os textos e a fase religiosa, além dos seus estudos de teologia, ela não atribui significância a eles, apesar de os ter reconhecido como um passo que contribuiu para o seu amadurecimento intelectual. Ou seja, é perceptível quase um pedido de desculpas pelos textos religiosos ou filosófico-religiosos que assinou (Scholl, 2018, p. 25).

Inobstante tal iniciativa, preciso destacar que a atividade intelectual não era pensada como legítima ou adequada para as mulheres. Charlotte Perkins Gilman (1860-1935), em seu clássico *Women and economics* lembrou que as mulheres estudavam às escondidas e citou Martineau como um exemplo desse estado de coisas.

Little by little, very slowly, and with most unjust and cruel opposition, at cost of all life holds most dear, it is being gradually established by many martyrdoms that human work is woman's as well as man's. Harriet Martineau must conceal her writing under her sewing when callers came, because “to sew” was a feminine verb, and “to write” a masculine one. Mary Somerville must strug-

gle to hide her work from even relatives, because mathematics was a “masculine” pursuit. Sex has been made to dominate the whole human world, – all the main avenues of life marked “male”, and the female left to be a female, and nothing else. (Gilman, 1898, p. 53, *grifos meus*)

E ainda:

Yes, it has belonged to them – ever since there was any. They have written it and they have read it. It is only lately that women, generally speaking, have been taught to read; still more lately that they have been allowed to write. It is but a little while since Harriet Martineau concealed her writing beneath her sewing when visitors came in – writing was “masculine” sewing, “feminine.”. (Gilman, 1914, p. 88, *grifos meus*)

Além desses obstáculos, a dinâmica familiar e os frequentes adoecimentos e perdas colocaram Martineau em um ambiente desgastante, instável e com muito sofrimento. Em 1825, seu irmão mais velho adoeceu e Martineau o acompanhou a Devonshire para o tratamento de tuberculose. Pouco tempo depois, ele, a esposa e o filho recém-nascido se mudaram para Madeira como parte do tratamento. Entretanto, seu irmão veio a falecer em junho de 1823, ainda no mar, no retorno para a Inglaterra (Arbuckle, s/d, Capítulo 2, p. 10). Martineau lembrou que, no mesmo ano, o pai deu de presente a ela e ao irmão James uma viagem a pé pela Escócia, na qual permaneceram por um mês. Ao longo desse período, eles teriam alcançado 500 km de caminhada (Arbuckle, s/d, Capítulo 2, p. 12). Isso nos mostra um pouco sobre como Martineau foi socializada e em que medida esses costumes e familiaridade com viagens a ajudaram no conhecimento e na preparação para a pesquisa que

realizou nos Estados Unidos, dez anos mais tarde (Crawford, 2018). Além disso, consistia numa forma de aprendizado e de cultivo de relações sociais como um investimento.

Mas o que parecia ser algo bom para a sua saúde, na verdade teria agravado os problemas de estômago, os quais já a estavam incomodando há algum tempo (Martineau, 1877a, p. 98). Não bastasse isso, após um período de graves dificuldades econômicas na Inglaterra, principalmente devido às guerras napoleônicas (1803-1815), houve uma fase de efervescência e de especulações, que causaram impactos consideráveis. Supostamente, em razão de tal crise especulativa de 1825, seu pai adoecce e vem a falecer em junho de 1826 (Miller, 1877). Entretanto, Martineau associou o adoecimento do pai a uma espécie de depressão, que ele teria desenvolvido logo após a morte do filho, com o desgaste ao dar assistência à família. De acordo com ela, o pai já havia adoecido dois anos antes, com problemas hepáticos que seguiram se agravando e o debilitando (Martineau, 1877a, p. 97 e 98). Além das preocupações com os negócios, as dívidas precisavam ser quitadas com bancos e com familiares. Por sua vez, isso dependia de outros familiares e de empresas que estavam em dívida com ele (Arbuckle, s/d, Capítulo 3, p. 2). A citação abaixo fala sobre as estratégias usadas por seu pai e sua mãe em relação às(aos) filhas(os):

In our remembrance of him there is no pain on the ground of any thing in his character. Humble, simple, upright, self-denying, affectionate to as many people as possible, and kindly to all, he gave no pain, and did all the good he could. He had not the advantage of an adequate education; but there was a natural shrewdness about him which partly compensated for the want. He was not the less, but the more, anxious to give his children the

advantages which he had never received; and the whole family have always felt that they owe a boundless debt of gratitude to both their parents for the self-sacrificing efforts they made, through all the vicissitudes of the times, to fit their children in the best possible manner for independent action in life. (Martineau, 1877a, p. 97, *grifos meus*)

No mesmo período, outra perda a acome-teu. O noivado de Martineau durou apenas alguns meses. Seu noivo “sofreu de uma febre” que, ao cessar, o teria deixado “insano”. A família do noivo havia implorado para que ela o visitasse, mas sua mãe não lhe permitiu, e ele faleceu pouco tempo depois (Martineau, 1877a, p. 100), em 04/07/1827 (Arbuckle, s/d, Capítulo 4, p. 7). Somado ao trauma sofrido, sobretudo pela perda da última de três mortes de pessoas próximas e importantes em sua vida, a família do noivo a teria acusado de não ter tido compromisso com ele (Miller, 1887). Sobre o luto e o sofrimento, Martineau escreveu mais de um poema e artigos. Entre eles, “Of peace and hope and rest” (05/1827), “On the dangers of adversity” (08/1827), “On dignity of character” (11/1827) e “On country burial-grounds” (04/1828).

Toda a experiência do noivado, desde o contato inicial promovido por um amigo até o desenlace final, teria sido complicada e possivelmente tenha lhe gerado grande ansiedade, a começar pelo fato de que a família Martineau era de classe média e seu noivo era considerado sem posses – condição que se alterou rapidamente. Martineau demonstrou, portanto, consciência acerca de como o mercado de casamento funcionava e do valor que as mulheres recebiam nele em razão da classe à qual pertenciam (Martineau, 2026a). A falência da família havia mudado o jogo por completo e suas condições

de barganha nesse campo ficaram limitadas. Esses temas foram frequentes em suas obras, por exemplo em Martineau (2021, p. 174-184), quando ela abordou o tema casamento e mulher percorrendo a respeito dos “métodos” e “arranjos” conhecidos.

Quase toda a variedade de métodos ainda está em uso, em uma parte do mundo ou outra. [...]. Em quase todos os países, a corrupção da sociedade nesse departamento é tão profunda e disseminada, quanto a viciar tanto os sentimentos morais e práticos em um quase grau de desesperança. Neutraliza quase todas as tentativas de melhorar e elevar a condição da raça. – Deve existir alguma coisa terrivelmente errada onde o resultado geral é tão desafortunado quanto esse. Como na maioria dos outros casos de sofrimento social, será descoberto que o erro assenta menos nos métodos ordenados e colocados em prática, do que nos sentimentos prevalentes da sociedade, dos quais todos os métodos crescem. (Martineau, 2021, p. 174-175)

Ou, ainda:

É uma questão de curso que as mulheres que são equipadas com apenas um objeto (casamento), devem ser tão impróprias para qualquer coisa quando o seu objetivo é realizado como se elas nunca tivessem tido qualquer objeto de forma alguma. Elas não estão mais em igualdade para a tarefa da educação do que para essa de governar o estado; e, se qualquer inesperada vez de adversidade se abate sobre elas, elas não têm nenhum recurso exceto um convento, ou alguma outra provisão caridosa. Onde, por outro lado, mulheres são criadas capazes de manter uma existência independente, outros objetos permanecem quando o principal é realizado. Sua independência de mente localiza-as além do alcance do relato; e sua faculdade cultivada da razão rende os valiosos guardiães do ser

racional cujo bem-estar e aflição é alojado em suas mãos. Existe, ainda, como pode ser visto por um mero relance sobre a sociedade, somente uma provisão muito imperfeita realizada em qualquer lugar para fazer justiça à próxima geração por qualificar suas mães; mas o observador de morais pode lucrar por fazer os graus nos quais essa imperfeição se aproxima do barbarismo. Onde ele encontra garotas que são comprometidas a conventos para educação, e não têm nenhuma alternativa em vida exceto o casamento, no qual suas vontades não têm o que compartilhar, e um retorno para seu convento, ele pode seguramente concluir que lá uma pluralidade de amantes é um padrão de curso e prazeres domésticos do mais alto tipo indesejados e desconhecidos. Ele pode concluir que como são os pais, então serão os filhos; e que, por uma maior geração no mínimo, existirá pouca ou nenhuma melhoria. Mas onde ele encontra uma variedade de ocupações abertas para mulheres; onde ele as percebe não como perseguindo artes mecânicas mais leves, dispensando caridade e organizando escolas para os pobres, mas ocupadas em educação, e no estudo de ciência e na prática das belas artes, ele pode concluir que aqui reside o mais alto prazer doméstico que até agora tem sido alcançado, e a esperança mais forte de um amplo avanço. (Martineau, 2021, p. 184)

Neste caso, Martineau analisou os modelos conhecidos de estratégias adotadas por mulheres, indicando resultados que não são problematizados, mas apenas reproduzidos. A mesma discussão foi desenvolvida em Martineau (2026a) e em outros textos. Com a morte do noivo, alegou se sentir livre desses embaraços e aliviada por não ser responsável pela vida e pelo futuro de outra pessoa, como podemos observar no trecho transcrito a seguir:

There has never been any doubt in my mind that, considering what I was in those days, it was happiest for us both that our union was prevented by any means. I am, in truth, very thankful for not having married at all. I have never since been tempted, nor have suffered any thing at all in relation to that matter which is held to be all-important to woman, – a love and marriage. Nothing, I mean, beyond occasional annoyance, presently disposed of. Every literary woman, no doubt, has plenty of importunity of that sort to deal with; but freedom of mind and coolness of manner dispose of it very easily: and since the time I have been speaking of, my mind has been wholly free from all idea of love-affairs. (Martineau, 1877a, p. 100)

Além disso, Martineau afirmou não se sentir adequada para assumir quaisquer compromissos ou relacionamentos, alegando sentir-se imune a esse tipo de tentação. De acordo com ela, parecia óbvio que não poderia se sentir feliz nesse modo, tanto pela responsabilidade quanto pela falta de liberdade, remetendo à vontade e ao conforto de morar sozinha, de se cuidar e de realizar o que lhe fazia bem, seus desejos e seus confortos (Martineau, 1877a, p. 101). Desse modo, suas ações contaram com o acaso, mas também foram direcionadas não para reproduzir sua posição no espaço social, mas para alçar outra condição, fora das expectativas que lhe eram endereçadas enquanto mulher. É assim que ela se inseriu no jogo social, observando suas regras, dispondo de alguns capitais que seguiram sendo cultivados e desenhando suas estratégias com base nos recursos dos quais dispunha (Bourdieu, 2020b).

The older I have grown, the more serious and irremediable have seemed to me the evils and disadvantages of married life, as

it exists among us at this time: and I am provided with what it is the bane of single life in ordinary cases to want, – substantial, laborious and serious occupation. My business in life has been to think and learn, and to speak out with absolute freedom what I have thought and learned. The freedom is itself a positive and neverfailing enjoyment to me, after the bondage of my early life. My work and I have been fitted to each other, as is proved by the success of my work and my own happiness in it. The simplicity and independence of this vocation first suited my infirm and illdeveloped nature, and then sufficed for my needs, together with family ties and domestic duties, such as I have been blessed with, and as every woman's heart requires. Thus, I am not only entirely satisfied with my lot, but think it the very best for me, – under my constitution and circumstances: and I long ago came to the conclusion that, without meddling with the case of the wives and mothers, I am probably the happiest single woman in England. Who could have believed, in that awful year 1826, that such would be my conclusion a quarter of a century afterwards! (Martineau, 1877a, p. 101)

Nenhum desses relatos aparece por acaso. Eles são a expressão das *morais preva- lecentes* e de como a autora entende tais temas e gostaria de ser lembrada como um agente que edita a própria vida (Grill, 2015). Ela intencionalmente os anuncia e narra moldando uma imagem de acordo com a qual pretendia ser lembrada. Todavia, insistindo no método do *contraste*, existem outras versões biográficas para o fato. Uma delas é a interpretação segundo a qual o não interesse pelo casamento decorria do fato de que Harriet Martineau possuía interesses homoafetivos. Em consonância, Arbuckle (s/d, Capítulo 4, p. 8, Nota 16) alegou que:

“[...] (Martineau's claim seemed to underline her painful feelings about sexual intimacy, exacerbated by Elizabeth's failure of kindness towards Worthington and his family) [...]”. Mas essa interpretação da biógrafa e estudiosa das obras de Martineau não aparece de modo isolado nesse texto. Por exemplo, quando Arbuckle se referiu a “Dr. John William Polidori”, “médico particular e secretário de Lorde Byron” como “a primeira paixão homossexual séria de Martineau” (Arbuckle, s/d, Capítulo 1, p. 11). De igual modo, Arbuckle (s/d, Capítulo 4, p. 1) afirmou que Martineau teve dúvidas em aceitar ou não o compromisso de noivado “[...] perhaps feeling stunned at the sexual implications of her new status”. Referiu-se, ainda, a “Strong, probably homoerotic feelings for women like her mesmerist Frances (Mrs. Montagne) Wynyard and Maria Weston Chapman” (Arbuckle, s/d, Capítulo 4, p. 3).

Adotando a perspectiva caleidoscópica *martineauiana*, buscando as várias faces e combinações possíveis para um dado fenômeno, existem, é claro, outras referências sobre o tema. Por exemplo, o fato de que suas amizades com homens sempre foram confundidas com relacionamentos amorosos. Foi o caso com Erasmus, irmão de Darwin (Sims, 2021), também com um primo deste (McDonald, 1998, p. 139) e, mais tarde, com Henry George Atkinson (Miller, 1887), com quem escreveu *Letters on the laws of man's nature and development* (1851). Ao cabo, todos os relacionamentos profissionais com mulheres eram e são frequentemente indicados como suspeitos por razões semelhantes às que informam que aquelas não teriam condições ou interesse real em desenvolver um trabalho intelectual. Se, por um lado, Martineau superou essa limitação e se tornou uma escritora e livre pensadora amplamente reconhecida,

por outro, viveu o pêndulo de ora sofrer com todos os estereótipos atribuídos às mulheres, ora ser acusada de não ser feminina o suficiente (Alcântara, 2024a). Essas informações e passagens nos mostram o quanto a posição em relação a gênero condicionou as suas possibilidades e expectativas, nas redes nas quais estava inserida, mas não a impediu de atuar no jogo social que em sua autobiografia descreveu tão bem.

3. Saúde, dificuldades financeiras e trabalho

É importante destacar que essa perspectiva do relato (auto)biográfico não é uma modalidade fortuita, já que busca imprimir uma imagem no outro (Calligaris, 1998; Grill, 2015) e surgiu num período histórico específico – o Renascimento. Apenas mais tarde, esse formato abordou o desenvolvimento da personalidade como conhecemos hoje, considerando certas regras e convenções (Burke, 1997). Adotando a noção de *trajetória*, utilizaremos a obra de Martineau para situá-la e compreender as fases pelas quais passou.

A noção de trajetória vem sendo utilizada como uma entrada privilegiada para observar as diferentes posições ocupadas pelos indivíduos, de que maneira se diferenciam e se conformam, ou não, às normas dos grupos dos quais, consciente ou inconscientemente, fazem parte. Essa noção abarca deslocamentos nas dimensões espaciais e temporais. Ao longo de uma vida, os indivíduos percorrem espaços físicos e simbólicos, atravessam ciclos de idade que demarcam inscrições em grupos geracionais e definem as condições do envelhecimento social. Associada à ideia de mobilidade e inércia social, a reconstituição da trajetória implica a compreensão dos deslocamentos e das posições ocupadas,

e como os indivíduos carregam em suas estratégias sua própria história de vida, ou, em outros termos, como essa vida é efetivamente vivida como uma história com seus desafios, seus acertos, suas marcas e seus fracassos. (Rosatti; Bordignon, 2022, p. 11, *grifos meus*)

Isso pode ser visto em todos os aspectos que são ressaltados e retratados em seus escritos autobiográficos, desde a resignação ante a várias tragédias que vivenciou, a “escolha” por manter-se solteira, até a preocupação e o questionamento acerca do fato de que mantinha ou não relacionamentos hetero ou homoafetivos, entre outros. Também nos mostra o que os textos perguntam acerca das mulheres intelectuais, o que nos remete a passagens de sua obra *Como observar: morais e costumes*. Onde estão as mulheres? O que elas fazem? O que lhes é permitido? (Martineau, 2021). Assim, ao nos debruçarmos sobre relatos (auto)biográficos a partir de um olhar sociológico, buscamos identificar estímulos, coerções e suas “engrenagens”, mas também ações arquitetadas. A biografia é capaz de nos indicar relações estruturais e de poder nas e com as quais os agentes lidam ou se inscrevem, além das condições sociais objetivas nas quais se encontravam ou foram alçados (Bourdieu, 2020b; Guérios, 2011; Rosatti; Bordignon, 2022).

Essa compreensão também impacta a referência ao trabalho que era apresentado por Martineau como seu projeto de vida e de realizações. Ao mesmo tempo, parece ter contribuído para o seu adoecimento, e, vez ou outra, trouxe complicações para sua saúde. Inobstante, nunca aceitou reconhecer isso, embora tenha relatado o quanto a família e os amigos se preocupavam a respeito. Em sua autobiografia, alegou estar provado que

o trabalho não havia lhe feito mal, já que em nenhuma das duas ocasiões nas quais adoeceu gravemente houve relação com o esgotamento causado por excesso de trabalho (Martineau, 1877a). À revelia disso, é fato que os lutos vivenciados fizeram com que, em 1827, Martineau dirigisse seus esforços para o trabalho, seguido de um novo adoecimento. Em decorrência, ela se referiu a isso como um “ano terrível” (Martineau, 1877a, p. 102). Nesse momento, produziu alguns contos para o editor Houlston, demonstrando seu empenho com o trabalho intelectual parcamente remunerado e em condições adversas. Entre esses se encontram: *The rioters* (1827), *The turn out* (1827), *Principle and practice* (1827), *My servant Rachel* (1827) e *Sequel to principle and practice* (1828). Concomitantemente, Martineau percebeu a necessidade de “ganhar a própria vida” e de levar a sua carreira de escritora a sério (McDonald, 1998, p. 139).

Sabemos que sociologicamente interessa contrapor a trajetória individual aos campos de produção cultural. É nesse sentido que afirmo que a autobiografia de Harriet Martineau dá notícia sobre a história intelectual do campo e das disciplinas das Ciências Sociais. Por exemplo, nesse mesmo período, um vizinho emprestou à sua irmã o livro *Conversations on political economy* (1816), de Jane Marcet, e Harriet teve acesso à obra. Só então ela teria se dado conta do que era a Economia Política e que, sem notar, estava escrevendo contos que abordavam questões dessa natureza. Harriet já estava abrindo esse debate, embora ainda não tivesse acessado o arcabouço teórico para lidar com essas questões, conforme as obras e os teóricos que já estavam disponíveis. Implica dizer que ela não estava produzindo a partir deles, mas de modo concomitante. Fica claro que a ideia de explicar a realidade

econômica por meio de contos e de novelas já estava de algum modo sendo desenvolvida e obtendo um bom retorno do público leitor (Martineau, 1877a, p. 105). Martineau relatou que ao ler Jane Marcet, depois Adam Smith e as novas leituras que lhe foram chegando por meio dessas fontes, percebeu o quanto importante era *ilustrar* a teoria para que fosse claramente compreendida a partir do cotidiano e das relações reais, como exemplos aplicáveis e facilmente visualizados. A partir daí, vê-se que ela já teria pensado a estrutura e as possibilidades para desenvolver um novo projeto de contos capazes de explicar a teoria da Economia Política. Também é explícito o propósito didático da autora e a sua intenção de popularizar o conhecimento, fazendo com que fosse acessível a todas(os), sem barreiras.

Analisando esse mesmo contexto, Joaquín (2024, p. 1-3) alega que o “recurso narrativo” foi usado também nesses casos para “contar la realidad social a través de novelas” e como um “instrumento para el análisis sociológico”. Considera que são “categorias clásicas de la Sociología” presentes na obra de Martineau: a “percepción de la sociedade” e a “construcción del objeto”. Em suas palavras, ela produziu “una sociología narrativa, de tipo literário”, que se baseia em “ricas descripciones” e produziu/permitiu “la construcción de una *cuestión social*”. São essas mesmas descrições pinçadas da autobiografia que considero aqui como objeto de análise e reflexo dessas *morais prevalecentes* que aparecem na forma narrativa (Martineau, 2021). Contudo, o duplo movimento que desenvolvo neste texto é tanto demonstrar e contextualizar o *método de ilustração* utilizado por Martineau, quanto aplicá-lo para explicar e compreender sua trajetória e obra. Além, é claro, também sistematizar as informações

para o público que está sendo apresentado a, ou quer estudar Martineau, mas tem alguma dificuldade com obras muito densas escritas em língua inglesa.

A exaustão pelo acúmulo com as tarefas de costura, fizeram com que, em 1828, Martineau adoecesse novamente, mas agora com problemas de fígado e de estômago (Miller, 1887). Por conta disso, ela seguiu pela primeira vez para a casa da irmã e do cunhado médico em Newcastle, em busca de um tratamento mais efetivo. De acordo com a autora, embora demorado e doloroso, o tratamento recebido a levou à recuperação (Martineau, 1877a, p. 106). Mas esse não foi um caso isolado. Ao longo da vida, Martineau passou por alguns momentos de adoecimento que lhe permitiram refletir acerca da relação entre doenças, tratamentos e sociedade, tanto sobre sua condição de paciente quanto sobre a própria medicina (Joaquín, 2024). Enquanto estava sob cuidados, chegou até ela uma chamada do TMR para contribuições. Martineau, então, se ofereceu para ajudar. Ocorre que naquele momento o periódico não tinha fundos para lhe pagar pelos textos. No entanto, entendeu que receber uma análise crítica e franca de seus próprios textos seria um bom pagamento (Martineau, 1877a, p. 107). Uma espécie de tutoria que seguiu por longa data e abriu caminhos para que ela começasse a compreender o campo literário, com seus requisitos e suas possibilidades. Mesmo autodidata, Martineau investiu nos estudos, em livros, em tutoria, em escrita e em material de escrita.

Por consequência, os relatos de Martineau se inserem numa demonstração de como a sua vida reflete a cultivação e o aprimoramento como desenvolvimento intelectual pela aquisição dos capitais culturais e simbólicos. Nas palavras de Scholl

(2018, p. 19): “While engaging with Martineau’s personal life, it is significant that her account only reveals the persona insofar as it furthers the understanding of her intellectual progress”. Ou ainda: “Between the boundaries of self and self-construction, Martineau’s *Autobiography* seeks to establish the intellectual disciplines necessary to Britain’s intellectual development, facilitating Martineau’s own life narrative to model the pathway of progress” (Scholl, 2018, p. 19). E: “In line with ideas of development and progress, autobiographies are essentially about transformation” (Scholl, 2018, p. 20).

Martineau sempre foi notada como uma pessoa que trabalhava em excesso, escrevendo, lendo ou costurando, mesmo nos momentos em que esteve doente. Realidade muito diferente de alguns dos homens intelectuais com os quais ela convivia. Por exemplo, o caso dos irmãos Charles e Erasmus Darwin (Sims, 2011), que eram abastados e não precisavam assumir nenhum tipo de atividade remunerada para o seu sustento ou outra atividade para além da principal. O que demonstra não apenas uma perspectiva de gênero, mas também de classe e de *status* social. Em termos *martineauianos*, classe de mulheres (Martineau, 2021).

Martineau dizia se sentir compelida a escrever, como algo que era externo à sua vontade. Embora tivesse uma elevada produção, trabalhou de modo não remunerado e anônimo por bastante tempo e questionou em diversas oportunidades a importância da remuneração e da percepção justa de direitos autorais para o trabalho intelectual realizado. Ela caracterizava o seu trabalho de escritora como algo essencial e central em sua existência. Ciente disso, Miller (1887) alegou que se Martineau tivesse se casado e tido filhos, teria vivido volumosas

perdas no trabalho intelectual. Some-se a isso o fato de que o investimento na carreira com o tempo e o pouco dinheiro do qual dispunha certamente teria outro destino pelas demandas que a dinâmica familiar numa sociedade marcada pela desigualdade de gênero traz. Esse tema aparece com bastante frequência em sua obra, que é considerada bastante inovadora por adotar uma “perspectiva de gênero” em seus escritos (Joaquín, 2024).

No es casual, entonces, que las mujeres y otras personas vulnerabilizadas en sus derechos de ciudadanía, pero también en la vida cotidiana, en la socialización diaria (esclavos y personas de racializadas) sean de particular interés en la obra de Martineau marcando, en sus palabras, “anomalías” a las normas y tratados más básicos conectados con la idea moderna de igualdad (sin la que, además, difícilmente se pueda discutir la de libertad). Esta autora fue de las primeras pensadoras europeas en observar esa inclusión incompleta en el canon moderno de una sociedad – supuestamente – igualitaria. En *Society in America* señala Martineau ([1837] 2020, Capítulo 2, párrafo 2): “*de tanto en tanto, la cuestión es cómo en muchos países las mujeres deben obedecer a las leyes, real o virtualmente, cuando no han dado su consentimiento a ninguna ley*”. (Joaquín, 2024, p. 5)

Como em 1829 a fábrica herdada de seu pai faliu e a manutenção de despesas de sua família ficou prejudicada, uma nova transformação acometeu o seu ambiente doméstico. O trecho transcrito a seguir explica o quanto a liberdade surgida em razão da calamidade impulsionou a mãe e as irmãs a enfrentarem aquela situação de pobreza pela qual passaram após o fechamento do negócio da família. É interessante notar que Martineau relacionou isso ao fato de rece-

berem uma maior liberdade e também ao rompimento com determinados costumes que eram arcaicos, característicos de “boas maneiras” impostas por uma sociedade aristocrática, da qual elas não mais faziam parte (Martineau, 1877a). A crítica a essa mesma sociedade aristocrática associada por ela a valores feudais está presente em muitos dos seus textos, com destaque em Martineau (2021, 2022, 2024, 2026a).

In a very short time, my two sisters at home and I began to feel the blessing of a wholly new freedom. I, who had been obliged to write before breakfast, or in some private way, had henceforth liberty to do my own work in my own way; for we had lost our gentility. Many and many a time since have we said that, but for that loss of money, we might have lived on in the ordinary provincial method of ladies with small means, sewing, and economizing, and growing narrower every year: whereas, by being thrown, while it was yet time, on our own resources, we have worked hard and usefully, won friends, reputation and independence, seen the world abundantly, abroad and at home, and, in short, have truly lived instead of vegetated. (Martineau, 1877a, p. 108)

Após conversarem a respeito da situação e de como seriam os encaminhamentos, a família conseguiu se reorganizar para obter algum rendimento e se sustentar. Uma irmã saiu de casa para trabalhar como governanta e a outra estava se dedicando a ensinar crianças. Martineau já estava desenvolvendo uma profissão há alguns anos, mas ainda não havia conseguido uma renda contínua e segura que garantisse a sua manutenção e contribuisse para o sustento da família. Como tinha um vasto conhecimento acumulado, ela se ofereceu para dar aulas individualizadas por meio de cartas,

considerando a sua condição de surdez. No entanto, não houve nenhum candidato, ao que a autora refletiu que certamente seria um empreendimento difícil, pois teria despendido muito tempo na escrita. Além disso, não renderia resultados significativos e ela poderia usar o mesmo tempo para escrever textos de alcance e com resultados maiores (Martineau, 1877a). Não se tratava apenas de uma questão de escala (quantos seriam alcançados com seus textos), mas também de forma e de conteúdo (como e o que dizer neles), além do tipo de leitor que estes alcançariam. Considerando os seus relatos, estes demonstram como ela foi estruturando sua carreira a partir das possibilidades disponíveis e do advento do acaso. Ao mesmo tempo, esses relatos consistem num bom exemplo de como a autobiografia reflete modos de gestão da própria imagem (Grill, 2015; Rosatti; Bordignon, 2022).

Com a falência econômica, outros tipos de capitais que compunham o patrimônio de Martineau passam a ser acessados no processo de *reconversão*. No seu caso, a família investia em *capital escolar* e *cultural* dentro de um certo limite e para uma função, mas irá depender destes para se inserir em outras posições. Consequentemente, quem possui mais tipos de *capital* está mais apto a ser “reconverter”, como o caso de Martineau (Bourdieu, 2020b).

Nesse período, um dos textos que havia enviado sob encomenda da The Diffusion Society, o manuscrito *The life of Howard*, não foi publicado e ela não obteve o pagamento com o qual contava para custear as suas despesas (Martineau, 1877a, p. 109). Mais tarde, um primo soube o que havia acontecido e lhe enviou £10 para ajudá-la. Esse também não foi um caso isolado. Martineau relatou uma rede de apoio que contribuiu com presentes para amenizar aquele

momento de grave dificuldade (Martineau, 1877a, p. 110). Embora fosse a primeira, não foi a única vez que ela precisou se ver ajudada por familiares e por amigas(os) frente a dificuldades financeiras para as quais não teria dado causa. Essa generosidade da qual Martineau usufruiu, marcou em demasia o seu caráter e foi retribuída tanto para a sua rede de apoio, como para colaboradoras(os) e desconhecidas(os). Isso ocorreu por meio de recursos doados, trabalho voluntário, campanhas que promoveu ou com as quais colaborou, até mesmo contraindo hipotecas em favor de terceiros.

Dadas as dificuldades financeiras que enfrentou, Martineau precisou se dedicar a tarefas que lhe rendiam algum recurso para o sustento. Somado a isso: reduziu as despesas (que já considerava baixas), vendeu o que podia (como, por exemplo, um vestido de festa), e se voltou para a costura (fazendo fantasias): “So to work I went, with needle and pen”. (Martineau, 1877a, p. 110). De acordo com a autora, o ano seguinte foi mantido com essa atividade, que depois não mais foi necessária. Durante esse período, Martineau ajudou a mãe nas despesas da casa, como uma contribuição pela sua moradia (Martineau, 1877a, p. 109). Assim, embora já tivesse realizado algum trabalho literário remunerado, este não havia sido suficiente para manter as suas necessidades, incluindo as relativas ao seu “empreendimento literário”.

Some-se a isso o fato de que ela estava passando por um momento delicado, já que não conseguia que seu trabalho fosse publicado por outras editoras, restando-lhe recorrer novamente ao TMR, periódico para o qual estava a trabalhar gratuitamente. Entretanto, o máximo que obteve foram £15 por ano para continuar a revisar os livros que lhe eram enviados. No trabalho

com o Sr. Fox, Martineau desenvolveu também habilidades de crítica e de uma espécie de tutoria para novas(os) autoras(es), com a qual ela alegou não ter tido sucesso, à exceção de uma. Após um tempo realizando essa atividade, o Sr. Fox lhe demandou alguns contos, que possuísem alta qualidade e fossem apropriados para o público do *Repository*. Nesse período, ela publicou: os artigos “On the agency of feelings in the formation of habits” (02/1829), “On country-burial grounds” (04/1828), “Essays on the art of thinking” (em 6 partes, a partir de 08/1829) e “On the agency of habits in the regeneration of feelings” (03/1829); os poemas “Ode to religious liberty”, “The last tree in the forest” e “The survivor” (respectivamente em 01, 02 e 11/1829). Escreveu ainda “The hope of the hebrew”, que foi o primeiro de três que compuseram o livro *Traditions of Palestine* (1829-1830). Os outros dois foram “Solitude and society” e “The early sowing” (Martineau, 1877a, p. 111).

Todavia, isso não retratou o trabalho exaustivo que Martineau fez nos anos 1829 e 1830, se desdobrando entre as costuras durante o dia e as revisões ou a escrita ao longo da noite. Com o primeiro texto da encomenda pronto, viajou para Londres a fim de acompanhar a impressão do livro *The hope of the hebrew*. Estando hospedada na casa de um tio, conseguiu a oportunidade de fazer revisões e outros trabalhos, mas sua mãe a teria obrigado a voltar para a casa (Miller, 1887). Em seu relato ela explicou que não havia obtido espaço para seus manuscritos nas visitas que fez a editores em Londres, mas conseguiu uma proposta menor, que lhe conferia um salário e disponibilidade para continuar a investir em formação literária, fazendo revisões e correções de trabalhos. Ao mesmo tempo, comentou como o Sr. Fox e seus amigos tinham sido

tolerantes com seus hábitos pouco livres e dependentes, além de a estimularem a seguir adiante na carreira, ousando mais. Não foi ao acaso que, ao invés de julgá-los, por terem hábitos e pensamentos diferentes, ela os relatou como extremamente “tolerantes” com a sua pouca liberdade, se referindo aos seus próprios costumes, sua forma de pensar, suas limitações e sua submissão às decisões familiares. Consoante a essa mesma percepção limitada de mundo, mesmo já possuindo 27 anos de vida, obedeceu a mãe e atrasou a sua carreira ao voltar para a casa em Norwich. Vemos que existem estratégias de reprodução que não são conscientes, nem racionais, pois são motivadas pelo *habitus*. Some-se a isso o fato de que os *mecanismos de reprodução* limitam as estratégias dos agentes, tal como as expectativas direcionadas em razão do gênero, que indicavam quais investimentos e trabalhos supostamente poderiam dar resultado (Bourdieu, 2020b).

Em consequência, Martineau recusou um trabalho que, além de ser uma oportunidade na área que queria atuar, também seria menos penoso do que se dedicar a duas atividades simultâneas e totalmente diferentes para se manter. Mais do que isso, significava a independência que tanto almejava, para que fosse resguardada das dificuldades pelas quais havia passado. Ao cabo, descobriu que sua tia havia escrito para sua mãe solicitando que aconselhasse Harriet a voltar para Norwich e a se dedicar ao bordado, que era uma atividade capaz de lhe garantir o sustento (Martineau, 1877a, p. 113). Novamente aqui sua experiência de vida é atravessada e definida por questões de gênero, que claramente remetem ao conceito de *violência simbólica* (Bourdieu, 2020a) que estão materializadas no fazê-la voltar para a casa e nos trabalhos consi-

derados adequados para mulheres, sendo apontados como escolha correta em períodos de crise ou de instabilidade. Martineau narrou essa situação como um desapontamento que havia lhe custado muito caro. Essa interferência e associação entre gênero e sustento com trabalhos manuais (como bordado e costura), aparecem em diversos momentos em seus relatos, principalmente quanto ao comportamento de seus familiares em relação a pressões externas. Ilustra também como essa miopia e falta de perspectiva estratégica se encontrava presente também entre as mulheres de sua rede de apoio (Bourdieu, 2020a).

4. Estratégias, "empreendimento literário" e "desapontamentos"

De acordo com Sanders (1989, p. 11), era característico das autobiografias uma espécie de "autojustificação" mostrando para o público leitor as fases da "evolução filosófica" na trajetória profissional. Martineau obviamente se enquadra nesse perfil, demonstrando como os problemas enfrentados a levaram à "transformação intelectual", o que é atribuído como uma característica de autobiografias vitorianas (Scholl, 2018, p. 21). A experiência é apresentada como a responsável pela transformação intelectual, pelo amadurecimento, o reconhecimento de como o campo funciona e de como atuar nele. Também implica a compreensão e a internalização do que é reconhecido como valioso e legítimo para a comunidade literária de sua época. Por exemplo, ao sofrer críticas que influenciavam em seus trabalhos e projetos, chegou a avaliar mal alguns de seus próprios trabalhos. Em decorrência, se, por um lado, Martineau inova no tratamento conferido aos fatos, por outro, também é produto de sua época, tendo absorvido os

"esquemas de percepção e de apreciação" compartilhados (Bourdieu, 2020b).

Diante das regras impostas, os agentes desenvolvem suas estratégias (Bourdieu, 2020b). Nesses termos é que, inevitavelmente sentindo-se constrangida e desanimada após a perda de uma oportunidade, ao chegar de Londres, soube que a Central Unitarian Association havia lançado um prêmio para ensaios sobre católicos, judeus e maometanos, cujo valor da premiação era insignificante. Mesmo assim, Martineau se dedicou a elaborar o ensaio sobre católicos e a enviá-lo em segredo, contando com o apoio apenas de sua mãe e da tia paterna, com quem residia. O texto foi enviado sem identificação e copiado por outra pessoa, para não levantar qualquer suspeita. Venceu a primeira fase do prêmio em outubro de 1830. Nesse mesmo período, recebeu £20 por ter escrito o conto *Five years of youth* (1831) (Martineau, 1877a, p. 115), o que lhe rendeu algum fôlego. Nesse momento, publica "Crombie's Natural Theology" (03 a 04/1830), "The education of the human race" (05/1830) e "Essay on the proper use of the retrospective faculty" (em 3 partes: 09, 10 e 12/1830).

Como não dispunha de renda ou de recursos financeiros de outra ordem, Martineau só mantinha condições de pagar suas despesas com o próprio trabalho. Além da casa da família que lhe servia de moradia, nenhum outro recurso patrimonial estava garantido. Por essa razão, quando havia contrapartida financeira para algum trabalho literário, ela conseguia tempo para as leituras e as pesquisas que eram um investimento nesse mesmo campo, sem ter que se desdobrar em duas atividades distintas e igualmente cansativas. Além disso, para esse concurso literário promovido pela Central Unitarian Association, era necessária

muita pesquisa documental e bibliográfica, para além do que ela já conhecia, pois eram temas fora do seu âmbito de convivência e de atuação. Desse modo, ao receber por um conto e ganhar a primeira fase da premiação, alcançou condições para investir nos dois últimos temas propostos. O valor de £20 era tão significativo que Martineau relatou ter vivido com £50 por ano no período de crise econômica familiar. Destas, £20 eram destinadas à compra de materiais para a escrita e para a correspondência, que lhe mantinham ativa e conectada com editoras(es) e com amigas(os), “in that season of poverty” (Martineau, 1877a, p. 117). Esse contexto é extremamente relevante para demonstrar o quanto as condições existenciais delimitam as trajetórias intelectuais. Gênero e ausência de recursos econômicos a obrigaram a fazer um esforço excepcional para sobreviver aos sucessivos obstáculos que foram se apresentando. À revelia da sua capacidade e qualificação, ela destacou a sua obstinação para alcançar os resultados pretendidos.

Na sequência, Martineau se pôs então a pesquisar sobre os maometanos, para escrever a respeito de sua forma de vida e de religião. O primeiro livro que disse ter pesquisado foi o *Alcorão*, a partir da tradução de Georg Sale. E para despistar os membros do comitê avaliador, novamente contratou duas pessoas diferentes para copiarem sua redação, em papéis também diferentes e com formas de remessa distintas. Tudo isso lhe custou tempo e dinheiro, mas o resultado foi satisfatório para o “esquema” que ela havia tão bem orquestrado e executado (Martineau, 1877a, p. 116). Os estudos que Martineau desenvolveu sobre diversas religiões com o propósito de participar desta concorrência impactaram de modo significativo acerca da crítica à literatura dis-

ponível, o papel dos viajantes e de *como observar*. Além, é claro, de permitir a ela escrever sobre o assunto e refletir sobre as diferentes religiões, sua condição enquanto instituição e “classe de fatos” (Martineau, 2021, 2026b).

Martineau entendia bem o tempo da necessidade, tanto do dinheiro (que precisava cobrir as despesas da casa), quanto do reconhecimento (que viria na forma de pagamento por seu trabalho) e da independência (depois que tivesse conquistado um certo público leitor e avançado no relacionamento com editores). Ela se descrevia como uma exímia estrategista nesse sentido, investindo nas oportunidades que surgiam e acreditando que em algum momento próximo isso lhe renderia algum resultado substantivo. Os primeiros retornos já haviam acontecido, com a valorização dos seus textos no mercado e, em consequência, do pagamento pelo seu trabalho, o que demonstrava ser viável o trabalho intelectual para o qual buscava espaço.

Não existiam dúvidas de que Martineau havia se dedicado exaustivamente a compreender a doutrina unitarista, mas o esforço requerido para o prêmio foi muito além ao ser colocada pela própria comunidade para estudar e analisar doutrinas católicas, maometanas e judaicas. Isso certamente contribuiu para que começasse a compreender a liberdade e a diversidade de outra forma, ou, como concluiu: como instituições socialmente produzidas que refletem as *morais prevaletentes* em um povo e território específicos.

No ano de 1830, Martineau participou de outro concurso literário promovido pela comunidade unitarista, agora sobre o tema batismo. Dessa vez, ficou em terceiro lugar. Simultaneamente, teve uma larga produção literária e percebeu a oportunidade de

passar um tempo em Londres (tal como no ano anterior) para estabelecer contatos e ter o seu trabalho reconhecido. Além, é claro, de participar ativamente da vida cultural da cidade. Embora não fosse longe de Norwich (cerca de 190 km), com as condições de transporte do período era praticamente impossível ir e vir a todo momento e as temporadas por território tornavam-se algo comum e praticável. Desse modo, Harriet acordou com sua mãe que precisaria estar alguns meses por ano em Londres para que tornasse viável o seu desenvolvimento profissional (Martineau, 1877a, p. 117). Havia compreendido as *estratégias de reprodução* (Bourdieu, 2020b) do campo literário, no qual, para se inserir e ser aceita, deveria se ambientar e estar presente nesse centro cultural e literário que era Londres.

Nesse período, Martineau já usufruía de um reconhecimento considerável entre os unitaristas, mas não gozava de uma fama ampla com relação ao público em geral. Sustentar-se do trabalho intelectual era algo difícil, e entrar no mercado editorial requeria contatos, convencimentos e garantias, que ainda não dispunha. Enquanto estava numa viagem a passeio com amigas(os), veio a notícia de que havia sido premiada com os dois outros ensaios que escreveu para a competição. Os prêmios lhe deram mais confiança para investir na carreira e já alguma notoriedade pública, sendo comemorada na comunidade local por seus feitos.

Inobstante, em diversos momentos de sua autobiografia, Martineau se descreveu como “medrosa”, “insegura” e “ansiosa”, com relatos de “zombaria” e de mágoa, como exemplos de uma forma de assédio que ela repugnava (Alcântara, 2025b). Comparou isso ao comportamento crítico que lhe foi endereçado de modo “maduro” e

“gentil”, demonstrando o quanto lhe ajudou a se desenvolver pessoal e profissionalmente. Caso, por exemplo, das conversas que o irmão mais velho e o seu editor W. J. Fox mantinham com ela (Martineau, 1877a, p. 87 e 90). Os reconhecimentos familiar e público também foram elementos importantes que Martineau destacou, tanto para a primeira publicação quanto em relação ao dia em que, numa assembleia pública, foi declarada como vencedora dos três prêmios para ensaios oferecidos pela Central Unitarian Association. Em suas palavras: “It was truly a great event to me, – the greatest since my brother’s reception of my first attempt in print. I had now found that I could write, and I might rationally believe that authorship was my legitimate career.” (Martineau, 1877a, p. 119).

Após esse episódio, que acabou por lhe deixar um pouco mais tranquila quanto à recepção de seus escritos, Martineau viajou para Dublin, com o intuito de visitar seu irmão e a esposa. De acordo com ela, no tempo que ficou hospedada na casa deles, tentou escrever e esboçar o seu plano para os contos de Economia Política, os quais demandariam bastante tempo de preparação e depois de escrita. Martineau tinha consciência de que esse esforço teria muito mais visibilidade do que os demais e que isso lhe custaria a sua “reputação” acaso fosse um fracasso. No entanto, tinha convicção de que deveria tentar, alegando que “The people wanted the book; and they should have it.” (Martineau, 1877a, p. 122). Como simplesmente não tinha recursos para dispor, precisou aceitar o empréstimo de dois amigos abastados para realizar o empreendimento de produzir os livros. Isso não abarcava os custos para imprimi-los, mas apenas para escrevê-los, lembrando que o material de escrita (papel e caneta) era de

custo elevado. Os prêmios recebidos também contribuíram para isso e para “formá-la profissionalmente” (Scholl, 2018, p. 27).

Em 1831, Martineau começou a escrever *Illustrations of Political Economy*. No mesmo ano, ela publicou *Sabbat Musings*. A princípio, nenhuma editora quis assumir a publicação do *Illustrations* e ela foi para Londres tentar um apoiador, enquanto escrevia os dois primeiros textos. Durante o tempo que esteve em Dublin, escreveu para três editores diferentes fazendo a proposta de publicação, que não teve acolhimento. Porém, os editores Baldwin e Cradock se dispuseram a conversar com ela em Londres, a respeito do assunto. As negociações não foram adiante e esses editores não acreditaram no projeto, tentando modificá-lo em sua natureza. Depois de alguns meses de hesitação, afirmaram que não teriam condições de assumir algo incerto em meio a duas convulsões sociais: o projeto de lei da Reforma e a cólera. Outras tentativas foram feitas e, a princípio, os Sr(s). Whittakers aceitaram, mas depois hesitaram em levar adiante o projeto. Martineau explicou que a proposta deles implicava que ela própria teria que pagar pelos textos ou publicá-los no sistema de comissão, mantendo um deles como editores no processo. Chegou, inclusive, a afirmar que a mãe e a tia pensaram em contribuir para que isso ocorresse, assumindo os riscos. Porém, sabendo das dificuldades que já enfrentavam, ela não aceitou (Martineau, 1877a, p. 123-124), e declarou ter sido essencial o apoio e os incentivos recebidos:

On my mother observing that she could not have done it, my aunt patted me on the shoulder, and said that, at least, the back was fitted to the burden. This domestic sympathy was most supporting to me; but, at the same time, it rendered success more

stringently necessary.” (Martineau, 1877a, 125) (*grifos meus*).

É interessante como expôs o funcionamento do mercado editorial e os modelos de publicação utilizados no período, além da ausência ou da precariedade do pagamento de direitos autorais na Inglaterra. Esses dados e relatos não são fortuitos e, por isso mesmo, também não foram ignorados aqui. Tratam, novamente, da aplicação clara do método da *ilustração* em sua própria autobiografia. Martineau colocava a(o) leitora(r) nas cenas, imaginando as(os) personagens e lembrando-se delas(es) para além da obra, dos conceitos e das contribuições que ela produziu, sendo didática sem se descuidar desses.

Face ao desconsolo (que Martineau chamou de “desapontamento”), uma nova proposta surgiu por meio do Sr. Fox, alegando que os livreiros também poderiam assumir parte dos riscos e dos custos para a produção da coleção. Com isso, ela voltou para Londres para verificar a situação e a viabilidade da proposta. Como de costume, um primo de sua confiança a acolheu em sua casa e lá Martineau se dispôs a trabalhar. Ao se encontrar com o novo editor, mais uma decepção. Ele reconheceu a originalidade e a qualidade da proposta, mas temia que a efervescência que estava tomando conta da sociedade condenaria o livro ao fracasso (Martineau, 1877a, p. 126). Martineau demonstrou com tais relatos o quanto as “facilidades” e as oportunidades dependem de apoios e de contatos que a circulação e o conhecimento acerca de como a sociedade funciona propiciam. A passagem a seguir ilustra a exaustão de Martineau ao ter tantas recusas, mesmo diante de um projeto que era considerado “de excelência”, mas também explicita a rede de apoio

com a qual ela contava – por exemplo, do Sr. Fox e de sua família:

I need not detail, even if I could remember, the many applications I made in the course of the next few days. Suffice it that they were all unsuccessful, and for the same alleged reasons. Day after day, I came home weary with disappointment, and with trudging many miles through the clay of the streets, and the fog of the gloomiest December I ever saw. I came home only to work; for I must be ready with two first numbers in case of a publisher turning up any day. All the while, too, I was as determined as ever that my scheme should be fulfilled. Night after night, the Brewery clock struck twelve, while the pen was still pushing on in my trembling hand. I had promised to take one day's rest, and dine and sleep at the Foxes'. Then, for the first time, I gave way, in spite of all my efforts. Some trifle having touched my feelings before saying 'Good-night', the sluices burst open, and I cried all night. In the morning, Mr. Fox looked at me with great concern, stepped into the next room, and brought a folded paper to the breakfast table, saying 'Don't read this now. I can't bear it. These are what may be called terms from my brother.' (A young bookseller who did not pretend to have any business, at that time.) 'I do not ask you even to consider them; but they will enable you to tell publishers that you hold in your hand terms offered by a publisher: and this may at least procure attention to your scheme.' These were, to the subsequent regret of half a score of publishers, the terms on which my work was issued at last. (Martineau, 1877a, p. 126)

Todos esses exemplos e a forma de concatená-los de acordo com um tema principal que vai se desmembrando e conforma uma estrutura coesa e concisa, são típicos

na forma de escrita, de análise e de explicação que entendem a(o) leitora(r) como elemento importante a ser considerado nesse processo (Alcântara, 2024a; Joaquín, 2024; Martineau, 2022, 2024). Todavia, também tem o propósito de ser a autora e ter o controle de seu último ato, usando sua experiência e reconstruindo seu percurso com o intuito de ensinar algo (Scholl, 2018, p. 21).

5. Mercado editorial, direitos autorais e independência

O Sr. W. J. Fox estimulou seu irmão Charles a promover a editoração da coleção proposta por Martineau, mas este fez exigências duras para aceitar o risco: 500 assinantes, 50% dos lucros e apenas 5 números (Martineau, 1877a, p. 127). A autora se viu em uma situação complicada e recorreu a quem podia para cumprir as assinaturas, chegando a receber insultos de alguns. Em particular, causou-lhe revolta que o marido de uma prima tenha se aproveitado da situação para humilhá-la, novamente com base em sua condição de gênero. O caso merece ser destacado como um exemplo desse tipo de posição na qual Martineau se viu colocada para viabilizar seu projeto:

[...] and the husband of a cousin of mine, a literary man in his way, sent me, in return for the prospectus, a letter, enclosing two sovereigns, and a lecture against my rashness and presumption in supposing that I was adequate to such work as authorship, and offering the enclosed sum as his mite towards the subscription; but recommending rather a family subscription which might eke out my earnings by my needle. I returned the two sovereigns, with a declaration that I wished for no subscribers but those who expected full value for their payment, and that I would depend upon

my needle and upon charity when I found I could not do better, and not before. This gentleman apologised handsomely afterwards. (Martineau, 1877a, p. 128)

Martineau estava correta ao temer que esse método levasse a uma desvalorização do projeto e à sua humilhação pessoal, pois era considerado “vexatório” ter que coletar assinaturas para que o projeto fosse colocado em prática (Martineau, 1877a, p. 133). Recorreu aos parentes abastados para darem apoio à causa e foi questionada de diversas formas a esse respeito. Além disso, foi contestada quanto à viabilidade e ao fato de ser uma mulher que tinha a ousadia de se afirmar como autora. Ao mesmo tempo, outras pessoas foram gentis e a apoiaram na empreitada, que ela, ao longo do texto, chamou acertadamente de “empreendimento” ou de “empreendimento literário”.

Ciente desse risco e estrategista que era, criou um prospecto impessoal para ser publicado na imprensa, além de “circulares” padronizadas e impessoais, às quais anexou um pedido pessoal para que os conhecidos fizessem suas inscrições (Martineau, 1877a, p. 128). Contudo, ao procurar o Sr. Fox para falar a respeito, a situação havia piorado ainda mais. Ela foi informada de que as exigências haviam aumentado para, no mínimo, 1000 exemplares vendidos em 15 dias, e apenas dois números publicados se o primeiro livro alcançasse uma vazão menor do que isso. A mudança foi atribuída a uma conversa que W. J. Fox teve com James Mill, reconhecido economista político, que não avaliou bem a proposta de Martineau, não aprovando o ensino de Economia Política em contos e recomendando que ela fizesse um texto didático, no formato tradicional. Apesar de ter ficado decepcionada com a notícia, Martineau andou até a casa

de seu primo e pôs-se a escrever o prefácio (Miller, 1887), mas se negou a mudar “o esquema” da ilustração da teoria geral por meio da exemplificação:

I began now, at last, to doubt whether my work would ever see the light. I thought of the multitudes who needed it, – and especially of the poor, – to assist them in managing their own welfare. I thought too of my own conscious power of doing this very thing. Here was the thing wanting to be done, and I wanting to do it; and the one person who had seemed best to understand the whole affair now urged me to give up either the whole scheme; or, what was worse, its main principle! It was an inferior consideration, but still, no small matter to me, that I had no hope or prospect of usefulness or independence if this project failed: and I did not feel that night that I could put my heart into any that might arise. As the fire crumbled, I put it together till nothing but dust and ashes remained; and when the lamp went out, I lighted the chamber candle; but at last it was necessary to go to bed; and at four o'clock I went, after crying for two hours, with my feet on the fender. I cried in bed till six, when I fell asleep; but I was at the breakfast table by half-past eight, and ready for the work of the day. (Martineau, 1877a, p. 130)

Nunca foi um empreendimento fácil, mas isso não a desmotivou ou diminuiu seu ímpeto, embora, em alguns curtos momentos, tenha se descrito em desânimo e desacreditada. Assim, novamente demonstra como sua personalidade e uma rede de apoio mais consciente das características da profissão e da comunidade intelectual, foram fundamentais para que Martineau não interrompesse seus projetos. Ao final, foram vendidos 300 exemplares, o que era um número muito significativo em um curto pe-

ríodo de tempo. As inscrições foram uma espécie de financiamento coletivo para que o editor Charles Fox se eximisse do risco ao assinar a edição, ao mesmo tempo em que não se responsabilizava pelos custos. O editor funcionava, então, como um atravessador/intermediador que realizava um tipo de curadoria para legitimar a obra. Portanto, mesmo que Martineau já tivesse demonstrado sua capacidade literária e habilidade intelectual, ainda assim não foi o suficiente para que o mercado editorial financiasse o seu projeto. Isso a levou a questionar como o trabalho intelectual estava assentado numa instabilidade muito grande, além de depender de um grande investimento por parte de quem escreve.

Outro bom exemplo nesse sentido foi o trabalho de sua contemporânea Flora Tristan (1803-1844) e sua dificuldade em reunir doações para o seu livro *União dos operários*. Tristan contou a respeito no seu pré-texto, juntando a lista de pessoas, além de um relatório no qual dava publicidade e prestava contas (Tristan, 2017). Em outra obra, ela citou o trabalho de Martineau com a Economia Política e mencionou a dificuldade de reconhecimento do trabalho intelectual produzido por mulheres (Tristan, s/d). Convenhamos que, de muitas formas, não é muito diferente do que acontece ainda hoje, principalmente quando pensamos na hipervalorização dos selos editoriais e no fato de que autoras(es) patrocinam as próprias obras sem sequer receberem pelos direitos autorais decorrentes de sua comercialização.

Por volta de 1832, quando a autora já tinha seus 29 anos, houve uma declaração do Sr. Brougham, um dos membros da The Diffusion Society, de que esta: “[...] instituted for the very purpose, should be driven out of the field by a little deaf woman at

Norwich.” (Martineau, 1877a, p. 133) (*grifos meus*). Ele estava se referindo ao conto *Brooke and Brooke Farm* (publicado como o livro 3, dos *Illustrations of political economy*) oferecido ao editor da Society que, à época, era o Sr. Knight. Mais tarde, Lord Brougham se encontrou com Martineau em outras circunstâncias, para a publicação da série *Poor laws and paupers Illustrated* (1833-1834), pela The Diffusion Society. Inobstante tudo isso, ele foi um desafeto bastante citado na *Autobiografia*, na qual Martineau relatou seu comportamento reprovável e sua falta de compromisso com as responsabilidades que assumia (Martineau, 1877a). Lembrando que se a (auto)biografia é uma fonte de pesquisa, não uma verdade sobre algo, interessa sobremaneira entender como o acontecimento é percebido, narrado e registrado. Além da intencionalidade do agente, a memória também seleciona fatos e não possuímos qualquer controle sobre isso. O falar sobre si (e isso inclui outras pessoas que se relacionaram com o sujeito que fala) é uma forma de permanecer sendo lembrada após a morte, não apenas pelos textos publicados (Scholl, 2018). Nestes termos, acredito, que a autobiografia tenta justificar escolhas, acontecimentos e até mesmo a ordem e a qualidade do quê e quando foi publicado. Especificamente no caso de Martineau ela nos fornece pistas, forma um enredo, mas sociologicamente não representa uma mera descrição ou um conjunto de fatos soltos, cabendo à(ao) pesquisadora(r) interpretá-los e destacar achados analíticos importantes.

Ocorre que a publicação da primeira série foi um sucesso de vendas, mesmo com o restrito apoio editorial inicial. Sua independência tinha data e é assim que Martineau descreveu o sucesso dos primeiros livros, que lhe foi comunicado por carta: 10

de fevereiro de 1832. Ela já contava com 30 anos de idade, quando alcançou independência na profissão e na gestão da própria vida (Martineau, 1877a, p. 75). Resta claro, portanto, que o “empreendimento literário”, requereu “estratégias” empreendidas por ela, tanto no cultivo de suas habilidades e aprimoramento de suas técnicas quanto do seu espaço no mercado e reconhecimento como escritora (Bourdieu, 2020b). Ela ainda publicou: “Liese; or, the progress of worship” (em 3 partes, 03, 04 e 05/1832), “On the witchcraft” (08/1832) e “Characteristics of the genius of Scott” (12/1832).

Se, a princípio, foi difícil pensar em 500 assinaturas para garantir a viabilidade de um livro, agora o editor falava em imprimir 5000 mil exemplares por vez, já que quase não havia sobrado nada da primeira tiragem impressa (Martineau, 1877a, p. 135).

The entire periodical press, daily, weekly, and, as soon as possible, monthly, came out in my favour; and I was overwhelmed with newspapers and letters, containing every sort of flattery. The Diffusion Society wanted to have the Series now; and Mr. Hume offered, on behalf of a new society of which he was the head, any price I would name for the purchase of the whole. I cannot precisely answer for the date of these and other applications; but, as far as I remember, there was, from the middle of February onwards, no remission of such applications, the meanest of which I should have clutched at a few weeks before. Members of Parliament sent down blue books through the postoffice, to the astonishment of the postmaster, who one day sent word that I must send for my own share of the mail, for it could not be carried without a barrow; – an announcement which, spreading in the town, caused me to be stared at in the streets. Thus began *that* sort of experience. (Martineau, 1877a, p. 135)

Sua popularidade cresceu de forma acelerada e ela constatou isso pelo volume da correspondência, a referência em jornais de todos os tipos, o contato dos membros do Parlamento e pelo reconhecimento nas ruas de sua cidade. Sua notoriedade torna-se tão grande que existia uma expectativa de sua presença nos eventos sociais, sua correspondência era carregada num carrinho de mão e precisava escolher estrategicamente os horários para sair à rua para não ser incomodada (Miller, 1887).

I had not calculated on this additional labour, in the form of correspondence; and very weary I often was of it, in the midst of the amusement. One necessity arose out of it which soon became very clear, – that I must reside in London, for the sake of the extensive and varied information which I now found was at my service there, and which the public encouragement of my work made it my duty to avail myself of. (Martineau, 1877a, p. 136)

O trabalho lhe garantia a renda e o sucesso lhe deu autonomia para definir o que e quando escrever. Já não se impunha a necessidade de acumular muito trabalho para dar conta de despesas básicas. Nos relatos de Martineau isso fica claro ao afirmar que em alguns momentos da vida precisou do auxílio de familiares e de amigas(os), ao ter adoecido e não conseguir trabalhar. Isso indica que não possuía uma renda externa ou algum investimento que lhe garantisse a manutenção, vivendo apenas da remuneração recebida pela venda dos seus livros ou dos direitos autorais pagos pelas(os) editoras(es). Ela informou que nos cinco anos em que esteve muito doente, precisou de assistência, mas que na década de 1850 estava completamente independente e não seria o caso de precisar recebê-la novamente. Em

decorrência, indicava confiança de que a sua situação já se encontrava resolvida. Sabemos hoje que não foi bem assim. Nos 21 anos depois da publicação da autobiografia, Martineau trabalhou exaustivamente, mesmo reclusa e gravemente adoentada (Martineau, 1877a, p. 135), e contou com o oportuno auxílio de sua rede de apoio.

Independente financeiramente, reconhecida e aclamada, ela se mudou para Londres para viver os efeitos da fama na sociedade londrina. Isso aconteceu em novembro de 1832, sendo recebida na casa de um casal de amigos de sua mãe. Em setembro de 1833, a mãe e a tia se juntaram a ela para morar em uma casa na Fludyer Street, Westminster, nº 17 (Martineau, 1877a, p. 136). Martineau entendeu esse como o fim de seu terceiro ciclo de vida e o responsável por lhe conferir uma formação do caráter, comparando sua trajetória até então com as estações do ano: nascimento, o inverno; sucesso, o verão; e a notícia de nova doença, o outono. O que novamente retoma uma fala dela logo no início de sua *Autobiografia*, na qual afirma que sua vida foi sem primavera. As contingências levaram Martineau a “perder tempo”, mas ela considerava que ter alcançado a sua autonomia, aos 30 anos de idade, em meio a tantos atropelos e circunstâncias desfavoráveis era um marco a ser comemorado.

I cannot but know that in my life there has been a great waste of precious time and material: but I had now, by thirty years of age, ascertained my career, found occupation, and achieved independence; and thus the rest of my life was provided with its duties and its interests. Any one to whom that happens by thirty years of age may be satisfied; and I was so. (Martineau, 1877a, p. 137)

Martineau logrou êxito em seu empreendimento. Ela passou por um momen-

to de falência e grave crise antes que isso acontecesse, pois sua família (que tinha uma vida de classe média, confortável e estável) perdeu as condições de seu sustento e ficou totalmente sem recursos financeiros, embora tenha mantido a casa de moradia e os conhecimentos acumulados ao longo dos anos de estudo e de conforto material. Em sua casa existiam livros e a leitura coletiva era uma das atividades comuns em sua rotina. Como foi socializada nesse ambiente, Martineau alegava que estudar era um prazer que a motivou em todos os momentos de sua vida. Ela recebeu educação e desfrutava de *capital cultural*, falava vários idiomas, tinha contatos, além de ter membros da sua família que eram ricos e frequentavam locais com pessoas influentes. Portanto, também usufruía de *capital social* (Bourdieu, 1986; 2020b).

Isso fez com que sua condição, se comparada com a de outras mulheres escritoras, (como, por exemplo, Flora Tristan), fosse completamente diferente, tanto em oportunidades quanto em condições para exercê-las. Mesmo a habilidade em trabalhos manuais (como costura e bordado) foi ensinada como necessária à sobrevivência, para a automanutenção em períodos de dificuldades (não contratação de terceiros, por exemplo) e para a administração da casa. Mas foi usada como recurso para a manutenção, o pagamento de contas e o investimento em seu “empreendimento literário”. A própria concepção sobre o que estava fazendo como um “empreendimento” e a capacidade de se colocar como um agente que entende e negocia os termos decorrem dos *capitais* dos quais Martineau dispunha, para além do *capital econômico* que em um dado momento se esvaiu (Bourdieu, 2020b). Aos 30 anos, ela colheu os frutos desses resultados e do seu incansável esforço. Todavia, sem essas

condições para a sua preparação intelectual e seu talento, talvez não tivesse alcançado uma escrita de qualidade e uma recepção tão elevadas. Pouco tempo depois, já usufruía de reconhecimento, fama e influência em um nível bastante elevado. Entre suas muitas leitoras famosas se encontrava a então princesa Vitória, que mais tarde a convidou para a sua coroação como rainha, ocorrida em junho de 1838 (Sims, 2021).

Considerações finais

Ainda que relatos (auto)biográficos sejam considerados uma “ilusão” (como advogam alguns), são importantes para compreendermos como os indivíduos relatam a sua existência e a sua reflexão sobre esta. Consistem assim numa versão do indivíduo que é disponibilizada ao público como uma imagem de como a(o) intelectual gostaria que fosse lembrada(o), cabendo àquele compreender de onde fala essa(e) intelectual, que questões ressalta, como ela(e) reflete/ilustra suas obras e a(s) sociedade(s) na(s) qual(is) vive e circula. Do ponto de vista sociológico, implica compreender que ao falar de si também explicita inúmeras questões relevantes sobre as relações sociais, as interações e as instituições em um dado contexto histórico.

Neste artigo apliquei o método da *ilustração por imagens* de Harriet Martineau tendo por fonte seus relatos autobiográficos, contrapondo-os às suas ideias e teorias presentes em algumas de suas obras. Também recorri à perspectiva do *contraste*, usada por ela como um recurso de análise dos dados coletados em suas pesquisas de campo. Por fim, fiz referência à compreensão segundo a qual Martineau desenvolveu uma *sociologia narrativa*, que pode ser observada amplamente em suas obras, incluindo sua

autobiografia. Tudo isso para demonstrar que é sociologicamente pertinente estudar a autobiografia e as biografias sobre Martineau, como um exemplo tanto de processos de socialização, quanto de agência, narrativa e registro que ela fez da própria vida, tentando não apenas se justificar e fornecer uma versão pública como também imprimir uma coerência a fatos que supomos terem sido propositalmente destacados.

Por fim, concluo que os relatos autobiográficos de Martineau retratam o trabalho intelectual sob um recorte de gênero e aplicam os métodos do *contraste* e da *ilustração por imagens*, desenvolvidos por ela própria, desde os seus primeiros escritos. Com o mesmo intuito de imprimir no público leitor uma imagem sobre Martineau, utilizei também os dois métodos de exposição e de escrita jogando luz sobre a descrição densa para reafirmar a efetividade desse recurso, principalmente considerando que inexistente (e provavelmente não existirá) uma tradução nem da autobiografia, nem das biografias sobre ela. O artigo contribui assim diretamente de duas formas: 1) para ampliar o conhecimento sobre a trajetória da autora e de informações a respeito; 2) para demonstrar os usos das (auto)biografias nas Ciências Sociais, com destaque para os relatos de mulheres pesquisadoras e teóricas.

A escolha desses métodos e o uso de recortes da fala de Martineau para ilustrar os temas destacados, foi uma estratégia que adotei para trazê-la para o texto. No entanto, não tive a intenção de que os relatos autobiográficos dominassem o texto, mas que servissem para ilustrar a trajetória, as condições, os percalços, as redes de interdependência e as configurações sociais. Aqui Martineau é tanto o sujeito (a autora) quanto o objeto (relato autobiográfico). Para facilitar esse percurso, indiquei nos subtítulos quais

os subtemas que seriam ilustrados, contrastados e analisados ao longo do *paper*. Com isso, tentei reunir e drenar o detalhamento de informações para que a leitura não se tornasse enfadonha, ao mesmo tempo em que reafirmei o processo de narrativa como instrumento ou recurso de apresentação.

Um dos achados analíticos importantes neste recorte é que o trabalho intelectual sob um recorte de gênero mostra processos de exclusão e de dominação, mesmo em face dos *capitais* enunciados como necessários para a carreira de escritor(a). Os obstáculos colocados a partir do estereótipo de gênero só foram sendo efetivamente confrontados em várias frentes, porque esse *habitus* primário e as redes de apoio a equiparam para resistir e manter-se obstinada, não sucumbindo às limitações naturalizadas socialmente. Consequentemente, os relatos autobiográficos de Harriet Martineau retratam tanto o trabalho intelectual sob um recorte de gênero, quanto os métodos do *contraste* e da *ilustração* cunhados por ela própria.

Referências

- ALCÂNTARA, F. H. C. Onde estão as mulheres no ensino de Ciências Sociais no Brasil? *Biblioteca Virtual do Pensamento Social-BVPS*, 2026a.
- ALCÂNTARA, F. H. C. Reformadora ou *policy maker*? *Revista Tensões Mundiais*, Fortaleza, v. 22, n. 49, maio-ago./2026b.
- ALCÂNTARA, F. H. C. Harriet Martineau (1802-1876). In.: NAVARRO-FOSAR, María-Rocio (coord.). *Más allá del canon: mujeres en el pensamiento social*. Colección Enfoques, n. 4. Sevilla: Fundación Centro de Estudios Andaluces, 2025a.
- ALCÂNTARA, F. H. C. Infância e juventude de uma intelectual: Harriet Martineau e a sociedade britânica no século XIX. *Latitude*, Maceió, v. 19, p. 1-25, 2025b.
- ALCÂNTARA, F. H. C. A Sociologia de Harriet Martineau e a tradução de sua obra para a língua portuguesa no Brasil. 2024, 380 f. (Tese de promoção a titular) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Governador Valadares, 2024a.
- ALCÂNTARA, F. H. C. Contribuições de Comte e de Martineau para a fundação da Sociologia. *Revista Tensões Mundiais*, Fortaleza, v. 20, n. 44, p. 211-245, set.-dez./2024b.
- ALCÂNTARA, F. H. C. O nascimento da observação social sistemática com Harriet Martineau. *Revista Teoria e Cultura*, Juiz de Fora, v. 17, n. 1, p. 176-189, 2022.
- ALCÂNTARA, F. H. C. Harriet Martineau (1802-1876): a analista social que inaugurou a Sociologia. *Revista Estudos Ibero-americanos*, Porto Alegre, v. 47, n. 3, p. 1-47, 2021.
- ARBUCKLE, E. S. A nineteenth-century woman's engaging with her times: Harriet Martineau (1802-1876). *Martineau Society*, s/d.
- BOURDIEU, P. A dominação masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020a.
- BOURDIEU, P. Estratégias de reprodução e modos de dominação. *Revista Pós-Ciências Sociais-REPOCS*, São Luís do Maranhão, v. 17, n. 33, p. 1-35, 2020b.
- BOURDIEU, P. A ilusão da biografia. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. M. *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 193-191.
- BOURDIEU, P. The Forms of Capital. In: RICHARDSON, J. *Handbook of Theory and Research for the Sociology of Education*. New York: Greenwood, 1986. p. 241-258.
- BURKE, P. A invenção da biografia e o individualismo renascentista. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 19, p. 83-97, 1997.
- CALLIGARIS, C. Verdades de autobiografias e diários íntimos. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 21, p. 43-58, 1998.
- CRAWFORD, I. "Harriet Martineau: travel and the writer". In.: SANDERS, V.; WEINER, G. (ed.). *Harriet Martineau and the Birth of Disciplines*. London/New York: Routledge, 2018.
- ELIAS, N. *Introdução à Sociologia*. Lisboa: Edições

70, 2008.

FOURNIER, M. Para reescrever a biografia de Marcel Mauss... *Revista Brasileira de Ciências Sociais-RBCS*, São Paulo, v. 18, n. 52, p. 5-13, 2003.

GILMAN, C. P. *The man-made world or our androcentric culture*. New York: Charlton Company, 1914.

GILMAN, C. P. *Women and economics*. Boston: Small, Maynard & Company Publishers, 1898.

GRILL, I. G. As múltiplas notabilidades de Afonso Arinos: biografias, memórias e a condição de elite no Brasil do século XX. *Revista de Sociologia e Política*, Florianópolis, v. 23, n. 54, p. 21-42, 2015.

GUÉRIOS, P. R. O estudo das trajetórias de vida nas Ciências Sociais. *Campos*, Curitiba, v. 12, n. 1, p. 9-29, 2011.

HEILBRON, J. *O nascimento da Sociologia*. São Paulo: EDUSP, 2022.

HOULE, G. A sociologia como ciência da vida: a abordagem biográfica. In.: POUPART, J. *et ali.*; *A pesquisa qualitativa*, Petrópolis: Vozes, 2014. p. 317-331.

JOAQUÍN, M. E. N. Narrando la realidad social: Harriet Martineau en los orígenes de la Teoría Sociológica. *Revista Brasileira de Ciências Sociais-RBCS*, São Paulo, v. 39, p. 1-14, 2024.

MARTINEAU, H. Essays on the art of thinking. *The Monthly Repository and Review*, n. 32, I, ago.-1829.

MARTINEAU, H. *Como observar: morais e costumes*. Governador Valadares: Editora Fernanda H. C. Alcântara, 2021.

MARTINEAU, H. *Harriet Martineau's autobiography*. Ed. Maria Weston Chapman. Boston: James R. Osgood & Co., v. 1, 1877a.

MARTINEAU, H. *Sociedade na América*. V. I – Política. Governador Valadares: Editora Fernanda H. C. Alcântara, 2022.

MARTINEAU, H. *Sociedade na América*. V. II – Economia. Governador Valadares: Editora Fernanda H. C. Alcântara, 2024.

MARTINEAU, H. *Sociedade na América*. V. III – Civilização. Governador Valadares: Editora Fernanda

H. C. Alcântara, 2026a. (*no prelo*)

MARTINEAU, H. *Sociedade na América*. V. IV – Religião. Governador Valadares: Editora Fernanda H. C. Alcântara, 2026b. (*no prelo*)

MCDONALD, L. *Women theorists on society and politics*. Waterloo, Wilfrid Laurier University Press, 1998.

MILLER, F. *Harriet Martineau*. Boston: Roberts Brothers, 1887.

PINHEIRO, C. Dos limites da crítica epistemológica à sociologia como práxis. In.: ALATAS, S. F.; SINHA, V. *A teoria sociológica para além do cânone*. Cotia-SP: Funilaria, 2023. *Prefácio*.

REIS, E. T.; BARREIRA, I. A. F. Alusões biográficas e trajetórias: entre esquemas analíticos e usos flexíveis. *Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais-BIB*, São Paulo, n. 86, p. 36-67, fev./2018.

ROSATTI, C. G.; BORDIGNON, R. R. Narrar uma vida e se inscrever na história: percursos do biográfico ao sociológico. *Política & Sociedade*, Florianópolis, v. 21, n. 50, p. 7-25, 2022.

SANDERS, V. *The private lives of Victorian Women*. New York and London: Harvester Wheatsheaf, 1989.

SANDERS, V.; WEINER, G. (ed.). *Harriet Martineau and the Birth of Disciplines*. London/ New York: Routledge, 2018.

SCHOLL, L. Mapping the intellectual self: Harriet Martineau's Autobiography and the role of life writing in defining disciplines. In.: SANDERS, V.; WEINER, G. (ed.). *Harriet Martineau and the Birth of Disciplines*. London/New York: Routledge, 2018. p. 15-17.

SIMS, M. Darwin e o segundo sexo. *Quatro cinco um*, Edição 44, abr./2021.

TRISTAN, F. *Paseos en Londres*. Biblioteca Digital Andina, s/d.

TRISTAN, F. *União operária*. Florianópolis: Insular, 2017.

VELHO, G. Ciências Sociais e biografia individual. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 38, p. 3-9, 2006.

RESUMO

Este artigo problematiza o trabalho intelectual sob o recorte de gênero a partir da percepção presente nos relatos autobiográficos de Harriet Martineau numa fase específica da sua trajetória pessoal e profissional. Adota por recorte a fase da preparação dos primeiros escritos do seu “empreendimento literário” e a chegada do sucesso. Para tanto, se baseia numa *pesquisa bibliográfica e documental*, de mapeamento e descritiva, retratando a imagem que a autora construiu acerca de si mesma e de sua trajetória. Conclui que os relatos de Martineau ressaltam questões sociais que eram destacadas em seus estudos sobre a sociedade, como trabalho intelectual e gênero, ao mesmo tempo em que recorre ao método de análise por *contraste* e de escrita por *ilustração* desenvolvidos pela própria autora para fundamentar/estruturar também a autobiografia.

PALAVRAS-CHAVE

Harriet Martineau. Gênero. Trabalho intelectual.

ABSTRACT

This article examines intellectual work from a gender perspective, based on the perceptions present in Harriet Martineau's autobiographical accounts during a specific phase of her personal and professional trajectory. It focuses on the period of preparation of the first writings of her “literary enterprise” and the arrival of her success. To this end, it relies on bibliographic and documentary research, mapping and descriptive analysis, portraying the image that the author constructed of herself and her trajectory. It concludes that Martineau's accounts highlight social issues that were prominent in her studies on society, as intellectual work and genre, while also employing the methods of analysis by *contrast* and writing by *illustration* developed by the author herself to ground/structure her autobiography.

KEY-WORDS

Harriet Martineau. Gender. Intellectual work.

Recebido em: 16/12/2025

Aprovado em: 19/06/2026